



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

SERTANEJO É MAIS QUE FORTE: PRODUÇÃO DO LIVRO INFANTIL  
DORA PÉ-DE-BICHO – CONTRA A MULA SEM CABEÇA

Thais Sousa Barbosa

Rio de Janeiro/RJ  
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**SERTANEJO É MAIS QUE FORTE: PRODUÇÃO DO LIVRO INFANTIL  
DORA PÉ-DE-BICHO - CONTRA A MULA SEM CABEÇA**

Thais Sousa Barbosa

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Prof. \_\_\_\_\_

Rio de Janeiro/RJ  
2019

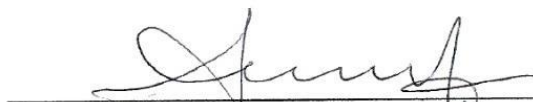
**SERTANEJO É MAIS QUE FORTE: PRODUÇÃO DO LIVRO INFANTIL DORA  
PÉ-DE-BICHO - CONTRA A MULA SEM CABEÇA**

Thais Sousa Barbosa

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por

  
Prof. Ms. Andréia Resende de Barreto Vianna – orientador

  
Prof. Dr. André Villas-Boas

  
Prof. Dr. Paulo César Castro de Sousa

Aprovada em: 01 de julho de 2019

Grau: 10,0 (dez)

Rio de Janeiro/RJ

2019

B238s

Barbosa, Thais Sousa    Sertanejo é mais que forte: produção do livro infantil Dora Pé-de-Bicho – Contra a Mula Sem Cabeça / Thais Sousa Barbosa. -- Rio de Janeiro, 2019. 51 f.

Orientadora: Andréia Resende de Barreto Vianna. Trabalho de conclusão de curso (graduação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Produção Editorial, 2019.

1. Literatura Infantil. 2. Nordeste. 3. Cultura Popular. I. Resende de Barreto Vianna, Andréia, orient. II. Título

Dedico este trabalho à minha mãe, aos meus ancestrais misteriosos e a todas as crianças (grandes e pequenas) comedoras de cuscuz.

## AGRADECIMENTO

Agradecer é um bom hábito que sempre tento lembrar de cultivar. Nos piores e melhores momentos, agradeço aos céus, ao universo e a todos além deste plano que devem olhar por mim. Por vezes, o mundo me coloca em dúvida sobre o que meus olhos não veem, mas Maria Bethânia sempre me traz de volta a fé esperançosa, típica dos nativos do signo de peixes como eu, quando me lembra que não ando só. Agradeço, então, ao lado de lá que me fez “haste fina, que qualquer brisa verga e nenhuma espada corta”.

Pisando neste chão junto a mim estão muitas pessoas (e alguns objetos e animais) que também não me deixaram só nesse processo louco que é adquirir conhecimento. Não satisfeitos, colocaram banquinhos imaginários sob meus pés e fizeram meu eu-interior crescer muito além dos humildes 1,50m do meu eu-exterior. Prossegurei, dessa forma, demonstrando gratidão sem *hashtag* – porque breguice é essencial, mas há limites - a estes queridos.

Todo mundo sabe (e quem não sabe ficará sabendo agora) que, se tivesse uma daquelas camisas de bebê que têm “sou da mamãe” como estampa, usaria. Meu primeiro agradecimento é para ela e, claro, como poderia não ser? A protagonista do livro que deu origem a este trabalho só não é mais minha mãe porque é impossível prendê-la num livro. Ela é voluntariosa. E claustrofóbica. Juntas, eu e minha mãe, formamos a Santíssima Trindade do Cariri paraibano: sou filha e mãe de Dora.

Certamente, não seria quem sou se tivesse saído de outra barriga que não a de Maria das Dores. Sou porque ela é. Me orgulho de carregar o seu Sousa, o seu Barbosa e o mistério de nossa árvore genealógica comigo. Gosto de pensar que, por ter só mamãe assinando a obra que sou eu, todas as células do meu corpo carregam no DNA metade eu e metade ela. Um livro inteiro inspirado nela ainda é pouco, mas, no meu mundo, é a maneira mais genuína de demonstrar amor e gratidão. Torno a agradecer aqui por ter estado ao meu lado por todos esses anos, enfrentando todo o tipo de monstros (muito mais do que deveria, diga-se de passagem) para me dar um bom destino. Salve, Dorinha! Salve Pé-de-Bicho!

Agradeço agora à Tita (que atende também por Edda) que nos acolheu quando ninguém mais faria, sem nem ter o mesmo sangue. Sou extremamente grata por todas as páginas que lemos juntas e tudo o que me ensinou. A vida é um aprendizado constante, aos seus 81 anos, pode falar com muito mais propriedade que eu. Fico feliz em ter tido a oportunidade de aprender a

ser eu com a Tita. Não sou de acreditar que as coisas têm ou não têm que acontecer, sou fã da escolha e, no fim, escolhemos ser uma família. Obrigada por isso.

Agradeço aos Barbosa que me inspiram a acordar todos os dias. Léo, Tércya, Lucas e Bento me fazem querer quebrar barreiras e ser maior. Os pequeninos por me sinalizarem a existência de um futuro diferente e as duas marmanjas por me ensinarem o que parceria significa. O tempo é o senhor da razão e a esperança é a engrenagem por detrás dos relógios. Tudo vai passar e, no que depender de mim, sobrarão amor, harmonia e felicidade na caminhada de vocês.

À Vitória, minha prima gêmea e futura leitora, agradeço pelos sorrisos silenciosos de apoio e por demonstrar tanto orgulho. Pé-de-Bicho tem um pouco de Vitória, a quem espero ver o nome fazer jus a própria história.

Ao meu fiel escudeiro, super-amigo e namorado, Iuri, agradeço pela paciência e pelo carinho. Obrigada por ter ido naquele show, naquela hora. Não fosse isso, hoje estaria num presente meio sem graça, meio sem música, meio sem muito Homem-Aranha. Sou grata pela sua companhia, pelo seu apoio a todas as minhas maluquices, pelas enchidas de bola, por Flicts e, claro, por se deixar estar sempre atualizado em Taylor Swifitês.

À minha amiga Marina, agradeço por ter me escutado por tantas vezes e por abraçar a minha esquisitice diariamente e há tanto tempo. À turma do sujinho, meu muito obrigada por terem me incluído, desde os primeiros dias, nesse curso doido que é o nosso. Às minhas microbiologistas preferidas: Scarlathe, Luiza, Tamires e Quezia, obrigada pela compreensão de sempre e pelo carinho, fosse só por vocês hoje seria cientista, mas por causa de vocês tive força para seguir um caminho que tanto me realiza. À minha irmã de alma, Maria Isabel, agradeço por ter me adotado e por me ajudar a desvendar os pensamentos sem ordem que passam pela minha mente, não seria nada sem minha outra cabeça explosivamente pensante.

Deixo aqui meu mais sincero *namastê* para a minha família da Yoga. Elaine diria que não é por acaso que estamos juntos, que é algo da ordem do espiritual. Eu discordo, penso que o acaso é das coisas mais belas e poderosas que existem e foi ele sim que organizou nosso encontro. Depois disso, escolhemos estar juntos dois dias por semana e em todo o tempo entre esses dias. Escrevemos o nosso estar junto muito melhor do que qualquer autor de destinos faria.

Não posso deixar de lembrar de meus professores do Colégio Zaccaria e do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes que me moldaram do zero ao, bem, zero-ponto-um (ainda tenho muito chão para chegar ao herói). Cada coisinha que aprendi nesses dois lugares foi essencial para que chegasse até aqui, até os erros. Principalmente os erros.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus gatos que nunca desistiram de mim. Já tive quase todas as cores de cabelo, ouvi mil e um tipos de música; troquei de perfume, de roupas, de móveis; já passei alguns dias fora de casa, já passei semanas sem ver a rua e Luke, Amélia, Marcus Oliver Johnstone Mumford II e Aurora nem pensaram em me amar menos. Serei eternamente grata também à minha adorada Mimi, minha guardiã e protetora, que viveu 12 ranzinhas e maravilhosos anos, e ao meu Gabriel Guaranarcía Marquéz, Gabo, que passou brevemente por aqui e levou um tanto do meu coração com ele. Um dia, espero que a ciência desenvolva alguma forma de ensiná-los a ler só para saberem que fiz questão de deixar aqui meu agradecimento a meus animaizinhos. Aurora de certo deitaria em cima do papel e eu acho isso lindo.

BARBOSA, Thais Sousa. **Sertanejo é mais que forte: produção do livro infantil Dora Pé-de-Bicho – Contra a Mula Sem Cabeça**. Orientador: Andréia Resende. Rio de Janeiro, 2019. Monografia (Graduação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Xf.

## RESUMO

Este relatório técnico diz respeito ao processo de criação e produção de *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*, um projeto de livro infantil ilustrado com traços da autoficção e do realismo fantástico. Inspirado por histórias reais e pela escassez de livros com personagens feito a protagonista Dora, menina nascida no Cariri paraibano, *Dora Pé-de-Bicho* foi pensado para preencher a lacuna de um público geralmente esquecido e estimular o hábito da leitura pela representatividade e identificação. Este trabalho, portanto, detalha a elaboração do livro que foi construído a partir de diversas disciplinas, de estudos de mercado e de várias referências estéticas e culturais.

**Palavras-chaves:** Literatura infantil, Nordeste, cultura popular.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 Quem é Dora Pé-de-Bicho?.....	12
1.2 O resgate das Doras e das Mulas Sem Cabeça.....	14
<b>2. DORA MERECE EXISTIR, MAS POR QUÊ? .....</b>	<b>18</b>
2.1 Clarice Fortkamp Caldin e a função social da leitura da literatura infantil.....	18
2.2 Retratos da Leitura e a realidade nordestina.....	20
2.3 Autoficção e o momento do “eu”.....	25
<b>3. COMO NASCEU DORA PÉ-DE-BICHO? .....</b>	<b>29</b>
3.1 Pesquisa de títulos semelhantes: estudo de mercado.....	31
3.2 Referências visuais.....	31
3.3 A palavra antes das páginas: metodologia de escrita.....	32
3.4 Projeto editorial e gráfico.....	34
3.5 Ilustrações.....	37
3.6 Produção gráfica.....	40
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>48</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* é um projeto de livro infantil, autoficcional, ilustrado, ambientado na década de 1970 no interior da Paraíba. Movido e inspirado por histórias da infância de Maria das Dores Sousa Barbosa, mãe da autora do livro e deste trabalho, não é propriamente um relato de memórias. Apesar de sempre manter uma das mãos segura a um passado real, a outra se entrelaça com as da fantasia.

A cidade Barriguda de Baixo, onde se dá a história, por exemplo, é real, apesar de não existir mais no mapa (infelizmente, não foram encontrados dados que provem que sequer tenha existido algum dia). A ponte com a realidade está na descrição das vegetações da caatinga e de tradições populares do sertão nordestino. A história resgata elementos do folclore brasileiro, como o Saci Pererê, o Curupira e a antagonista, no caso, Mula Sem Cabeça, reconectando o público leitor com a mitologia do nosso país.

A produção do livro *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* é muito anterior a este relatório técnico. Interdisciplinar, a ideia teve origem em uma atividade proposta pela disciplina eletiva Margens da Imagem e, a partir daí, começou a tomar forma até se concretizar nesse projeto. Passou pela pesquisa, inicialmente não relacionada, sobre o consumo literário na Paraíba, tendo como referência Campina Grande; pelo estudo da literatura de cordel e relação com a história e pelo aprendizado técnico da produção de um livro.

O processo de criação será descrito com mais detalhes adiante, porém é preciso dizer que *Dora Pé-de-Bicho*, executado completamente – escrita, ilustração, projeto editorial e gráfico – por mim, se fez como uma colcha de retalhos durante todo o período em que cursei a minha habilitação de escolha na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Independentemente das obrigações e tarefas colocadas pelos professores, porém, foi a minha capacidade de aproveitá-las para construir esse projeto que, no fim, fez a diferença.

Em primeira análise, não me ocorreu tornar este projeto colaborativo. Talvez por ser autoficcional com traços tão próprios, foi criada uma expectativa de resultado muito específica e pessoal. A evolução do livro fez-se quase que naturalmente, obedecendo ao meu processo criativo e se encaixando com facilidade em interesses pessoais de estudo e pesquisa, bem como atendendo as propostas de trabalhos de disciplinas que cursei. Após começar a colocá-lo em prática, parte por parte, de maneira a lembrar o cientista fictício Victor Frankenstein, me desliguei de forma completa da possibilidade de dividir o trabalho com outras pessoas. Em função do *Dora Pé-de-Bicho* aperfeiçoei minhas habilidades de desenho e comecei a ilustrar

assinando, dessa forma, o texto, o projeto editorial e gráfico e a maioria das ilustrações do livro, processos e detalhes que descreverei mais tarde no terceiro capítulo.

### 1.1. QUEM É DORA PÉ-DE-BICHO?

*Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* tem como protagonista uma criança nordestina do gênero feminino, mas que não se adequa propriamente às expectativas de feminilidade. Aventureira, transgressora e inconformada com sua realidade, Dora é apresentada a seus poderes mágicos aos sete anos, quando enfrenta a Mula Sem Cabeça para proteger a natureza forte, mas degradada do Cariri paraibano.

O livro, direcionado ao público infantil, apesar de flertar com o realismo fantástico por coabitar a dura realidade nordestina e a fantasia, é uma autoficção. O termo foi criado por Serge Doubrovsky e utilizado pela primeira vez em 1977 no romance *Fils*. O tipo de texto que faz convergir a identidade do autor, personagem e narrador, foi apresentado a Doubrovsky pelo estudo de textos autobiográficos (PATROCÍNIO, 2016). O termo autoficção foi aplicado por Doubrovsky, para classificar as obras literárias que usam de experiências da vida do autor ou, até mesmo, de traços de sua aparência ou de sua personalidade em contexto ficcional. Sobre este gênero o escritor diz que

(...) nem é autobiografia nem romance, e sim, no sentido estrito do termo, funciona entre os dois, em um reenvio incessante, em um lugar impossível e inacessível fora da operação do texto.” (Doubrovsky, 1988, p.43)

Anna Caballé (2017), ao escrever para o jornal *El País* diz que “a autoficção deu oxigênio ao romance, que se vê assediado pelo cinema e pelas séries de televisão”. Ainda que traga uma crítica a repetição deste gênero e utilização dele como uma espécie de fórmula, ressalta a sua relevância no contexto literário e artístico atual. As “escritas do eu” que narram memórias, diários e biografias estão em voga de maneiras múltiplas nas redes sociais, novos padrões de convívio social, cinema, arte e literatura. Dessa forma, a chamada autoficção tem espaço para acontecer.

Muito embora *Dora Pé-de-Bicho* não traga traços da minha história, é inspirada nas de minha mãe, Maria das Dores Sousa Barbosa, contos decisivos na criação da minha identidade. Dora, pertencente ao mundo da ficção tem pontos em comum com Maria não só na aparência descrita e retratada por meio das ilustrações presentes no livro. Outros personagens, como Tereza e Louro, são representações de Therezinha e Lourival Barbosa, pais de criação de Maria das Dores, conseqüentemente, meus avós.

Essas figuras fictícias, apesar de apresentarem conexões com as pessoas reais por trás delas, não são exatamente retratos das pessoas reais. A fantasia, a criação e o fingimento da vida se misturam com relatos e experiências verdadeiras de Maria das Dores, contadas por ela e recontadas por mim, sua filha e autora do livro em questão. Assim, fica mais nítida a classificação de *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* como uma autoficção.

Outro ponto de ligação entre ficção e realidade é o ano em que a história se passa, em 1977, quando a protagonista tem 7 anos de idade. Maria das Dores, que inspirou Dora, também nasceu em 1970 e foi registrada por seus pais apenas em 1977, já com 7 anos. Escolhi, portanto, o ano do registro de nascimento de Maria para ser o do grande encontro de Dora com a sua antagonista, a Mula, e também com seus poderes, que se tornam grande parte de sua identidade.

Este projeto, porém, é mais do que uma homenagem ou algo puramente afetivo: *Dora Pé-de-Bicho* nasceu de uma necessidade de contato com a cultura popular nordestina e intenção de difundi-la. Para além do impulso de resgatar origens familiares, foi notada a urgência de contar uma história desprovida de fetichismos e clichês atribuídos ao nordeste do Brasil, uma obra aberta à identificação de tantas pessoas que não têm seus pontos de vista representados comumente. É também fruto de um sopro de esperança de uma possível mudança de olhar para com a região Nordeste, com o distanciamento da frequente visão de exotismo e a efetiva incorporação da cultura regional como parte integrante e crucial da identidade brasileira.

O livro propõe tornar a individualidade da história de Maria das Dores Barbosa universal. Assim, com o apoio das ilustrações, objetiva-se mostrar a vegetação da caatinga, da busca por água nas plantas suculentas, dos animais, dos alimentos e de algumas tradições comuns. Em se tratando de literatura infantil, é importante que estes elementos estejam presentes para compor a imagem do sertão de forma realista, ainda que em meio à fantasia.

No que tange à Comunicação Social, mais especificamente à Produção Editorial, suas funções e deveres, este trabalho é demasiado importante por trazer à luz a história de uma parcela da população que não é retratada na literatura infantil com frequência. O fazer ver, um dos objetivos da Comunicação, também pode ser feito – e deve ser feito - por meio da literatura.

No caso de *Dora Pé-de-Bicho*, os dados da dura realidade cuja intenção é “fazer ver”, estão na psique da personagem, no ambiente que a circunda, no tratamento para com os outros personagens, na sua rotina e em alguns outros elementos presentes na história. Os nomes e apelidos adaptados, conectam a Dora do livro à da vida real, Maria das Dores, do mundo tangível. Este jogo entre verdade, verossimilhança e fantasia, almeja cativar o olhar das crianças que são Dora hoje, que vivem em situações similares e enxergam tudo como crianças que são.

Também busca encantar e informar crianças que não conhecem o sertão do Cariri, nem a caatinga.

Dora, a heroína que guarda seus poderes nos calos dos pés, então, é uma possível conexão – ou reconexão - com um contexto pouco conhecido e, regularmente, silenciado do nosso país com a possibilidade de identificação e reconhecimento positivo daqueles que têm elementos em comum com a protagonista e que estão do lado do silêncio. No entanto, para aqueles que não compartilham da realidade de Dora, é uma proposta de comunicação com a alteridade.

Com capítulos relativamente curtos, intercalados com ilustrações e textos um pouco maiores, como cartas, o público-alvo esperado é o de crianças de 8 aos 12 anos, aproximadamente. Isso porque, em sua maioria, estas crianças já têm capacidade de ler sozinhas narrativas mais longas, aproximando-se do infanto-juvenil ou *young adult*.

Além do projeto editorial e gráfico, com detalhes e escolhas que buscam lembrar elementos da cultura nordestina, como a literatura de cordel, as ilustrações de *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* são extremamente importantes para dar o tom e criar o clima do livro. Cores e formas auxiliam na criação do ambiente do sertão nordestino: do barro do chão ao verde dos cactos. É válido salientar que Maria das Dores participou da produção do livro não só pela contação de histórias que inspirou a trama, mas também as tornando mais concretas a partir do registro em desenhos, incorporados ao livro. O processo de elaboração e métodos utilizados para todos os tipos de ilustrações serão descritos mais à frente no terceiro capítulo deste trabalho.

## **1.2. O RESGATE DAS DORAS E DAS MULAS SEM CABEÇA**

Este trabalho tem como questão principal a falta de representação da população nordestina sertaneja na literatura brasileira infantil de forma não fetichizada. O projeto, que procura transformar memórias individuais em um imaginário comum, procura dar visibilidade à uma realidade silenciada do Brasil a fim de causar a identificação daqueles com histórias parecidas, naturalizando outras maneiras de ser no país, porém ainda fazendo menção à pobreza e à escassez de recursos do ambiente no qual a narrativa se dá.

Colocar esta narrativa em um plano comum e naturalizar as formas de existência lá expostas não significa unificar a região nordeste, a cultura nordestina ou a brasileira. Este

comum é heterogêneo e funciona como resistência à captura pelas lógicas homogeneizantes e totalizantes (KASTRUP, 2013).

A característica irreverente e forte de Dora, bem como sua vida simples em meio à seca do sertão paraibano são pontes de identificação com o público infantil nordestino. A presença de expressões específicas nordestinas cria um ambiente propício para a sensação de representatividade, mas também a curiosidade daqueles que não pertencem a esse contexto, promovendo o contato com a alteridade e a convivência com a multiplicidade cultural do país.

No mercado há a escassez de literatura infantil ou infanto-juvenil que conte histórias de fácil identificação para com o povo nordestino, hipótese que será destrinchada com mais propriedade brevemente, no terceiro capítulo deste trabalho. *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* tem como intuito não só preencher esse espaço vazio no mercado, mas principalmente um público que não se vê, com frequência na mídia, nem na literatura, como já salientado.

É crucial o entendimento e observação da realidade do mercado e do consumo de livros na região Nordeste, onde se encontra o principal público-alvo do livro. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2016) diz que 67% das crianças na faixa de 5 a 10 anos de idade fazem parte do público leitor. Na região Nordeste, 51% da população é leitora, porcentagem menor que na região Sudeste, que tem 61% da população leitora (Retratos da Leitura, 2016).

Os livros infantis, para leitores em geral, vêm em sexto lugar nos gêneros mais lidos, ficando atrás dos livros didáticos, dos romances, dos religiosos e da Bíblia. Ainda que o Brasil não tenha grande tradição leitora, mente quem diz que os jovens e crianças não leem. Seja por exigências escolares, influência familiar ou gosto pessoal, as crianças alfabetizadas leem. Todavia, é contrastante o número de jovens leitores quando comparadas as regiões Sudeste e Nordeste. Tal disparidade pode ser explicada pela diferença nas taxas de alfabetização e oferta de livros em livrarias e bibliotecas.

Esse cenário é mais bem explicado no próximo capítulo, que objetiva descrever e entender a demanda e oferta de livros, bem como onde *Dora Pé-de-Bicho* se insere nesse contexto. Para isso, além dos dados da Retratos da Leitura no Brasil (2016) é realizado um estudo de caso do município de Campina Grande detalhando a realidade econômica de seus habitantes, a quantidade de livrarias e tipos de livrarias e a oferta de livros por bibliotecas.

Tendo em vista esta premissa e o recorte geográfico e social de *Dora Pé-de-Bicho*, urge a pesquisa sobre o que já é oferecido com temática semelhante em literatura infantil. Em uma busca em lojas *online* (Amazon, Saraiva, Livraria Cultura e livraria Travessa) pelo termo “nordeste”, foram encontrados pouquíssimos resultados para livros destinados a crianças. Em

sua maioria, os livros são didáticos ou de não-ficção sobre o Nordeste em geral. Poucos têm personagens com jornadas mais bem definidas e alguns são sobre figuras importantes e conhecidas, como o músico Luiz Gonzaga, natural do Pernambuco.

*Dora Pé-de-Bicho* é diferente do que se vê com mais frequência no mercado. Apesar do narrador ser em terceira pessoa, por vezes em estilo indireto livre (terceira pessoa íntima), a perspectiva é a de Dora. O estilo indireto livre é uma forma de distanciar um pouco o autor do narrador e aproximar o texto do personagem (WOOD, 2011). Tudo acontece ao redor, a protagonista no centro. Toma uma forma parecida com as típicas jornadas do herói, mas é simplificado para se adequar ao público-alvo com faixa etária de 8 a 12 anos, aproximadamente. A elaboração do texto, das ilustrações, da pesquisa e do projeto gráfico, estará mais bem descrita na metodologia, no capítulo 3.

Considerando todos os dados brevemente apresentados, fazer ver e fazer ser este público carente de representatividade, bem como levantar questões reais por meio da fantasia, dada a importância social da literatura, em especial da literatura infantil, é um dos maiores objetivos deste projeto. Representar um grupo esquecido e, usualmente, negligenciado, também almeja convidar este grupo para a leitura, difundir a sensação de pertencimento a essa prática e a esse mercado. Sendo assim, promover a leitura através da projeção e identificação também é um dos objetivos por trás do *Dora Pé-de-Bicho*.

A arte, de maneira geral, tem poder transformador e é impossível desvinculá-la de seu período ou contexto histórico. O desistoricizar de algo, nesse caso da produção artística, é esvaziar este objeto de significado. Tendo isto dito, a arte é carregada de valores e ideologias. A literatura não é diferente (CALDIN, C.F. 2003).

Dessa forma, a literatura infantil, escrita por adultos afogados em seus contextos e ideologias, transmite isto às crianças (CALDIN, C.F. 2003). *Dora Pé-de-Bicho* não é exceção à regra: intrinsecamente insere maneiras de existir ao construir a personagem, mas, por outro lado, busca promover o resgate da cultura popular brasileira e do folclore, o que também pode ser caracterizado como transmissão de valor.

O diálogo com figuras do folclore nacional é uma tentativa de resgate e manutenção da tradição cultural em outro formato, evitando o tradicionalismo. Isto significa que, ainda que o Saci Pererê, o Curupira e a Mula Sem Cabeça sejam parte da bagagem cultural do nosso país, não devem ser tidos como intocáveis. O legado cultural tradicional quando tido como quase “divino”, reproduzido de forma passiva e intocada é o que se chama de “tradicionalismo” (COUTINHO, E. 2002). Neste caso, a convivência com a tradição e sua transformação sutil é uma forma de contemporanizar e mantê-la presente no imaginário popular.

Dessa forma, o resgate de figuras pertencentes ao universo das lendas é positivo, ainda que levemente modificadas. A convivência da falsa-lenda (a Mula Sem Cabeça do livro em questão era invenção de um homem fantasiado para chamar a atenção do vilarejo) com as lendas “reais”, Curupira e Saci Pererê, é interessante no que diz respeito a esta brincadeira com a tradição para trazê-la de volta. Ainda que a Mula não fosse a que todos nós conhecemos, ao público infantil espera-se que fique a sensação de que as nossas figuras folclóricas são reais. Talvez, até mesmo a Mula Sem Cabeça original esteja em algum lugar não tocado pelas páginas do *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*.

O livro, então, acaba por propor uma série de “resgates” por meio da representação dos que não são usualmente personagens, atores da história, sobretudo, nos livros infantis; do convite desses à leitura; da proposta de comunicação com a alteridade para os que não se familiarizam com o mundo de Dora e da ressignificação de elementos do folclore brasileiro. Assim, *Dora Pé-de-Bicho* se mostra como algo diferente e relevante para a literatura infantil.



## 2. DORA MERECE EXISTIR, MAS POR QUÊ?

Para entender a importância de um livro como *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* é necessário pensar na influência da literatura infantil na formação de leitores, de seus valores e crenças; no mercado de livro e hábitos de leitura do público-alvo no Brasil e na relevância da autoficção na atualidade.

Neste capítulo, então, analisarei estes pontos com base na literatura, fazendo um paralelo com os elementos primordiais do *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*.

### 2.1. CLARICE FORTKAMP CALDIN E A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil nem sempre existiu como um gênero literário. Isso se dá porque o conceito de infância como conhecemos, de separação de faixas etárias e conteúdo próprio para elas, por assim dizer, surge apenas após o século XVII com a reformulação educacional burguesa. Adultos pequenos agora necessitam de outro tipo de tratamento, ensinamentos e de uma literatura que auxilie a transmissão dos valores da época. Consequentemente, a literatura infantil que começa a surgir é pautada no didatismo e no conservadorismo. (AZEVEDO, 2001)

Se no passado a literatura infantil tinha função formadora, a função dela na contemporaneidade passa a ser social (CALDIN, 2003). A leitura, mesmo a infantil, não é propriamente uma prática passiva. Clarice Fortkamp Caldin diz que “[a criança] ao realizar a leitura de textos literários, não passa apenas os olhos pela página impressa. Busca um sentido nas palavras, aventura-se no desvendamento do código escrito”. Todavia, é o adulto que escreve o livro lido pela criança que acaba, portanto, tendo acesso às suas ideologias. Sobre isso, Caldin diz que “cabe à leitura preparar a criança para refletir sobre os valores da sociedade”.

Determinar uma função para a literatura é uma tarefa árdua. Ler coisas inventadas (por inteiro ou pela metade) não parece ter um objetivo tão fácil de perceber. No entanto, é sabido que a literatura promove a empatia e uma melhor compreensão do mundo e de si. Sobre isso, Caldin (2003) declara que “se a sociedade buscar a formação de um novo homem, terá de se concentrar na infância para atingir esse objetivo” e completa:

Nesse sentido, pode-se dizer que o movimento da literatura infantil contemporânea, ao oferecer uma nova concepção de texto escrito aberto a múltiplas leituras, transforma a literatura para crianças em suporte para experimentação do mundo. (Caldin, 2003, p.51)

Ao pensarmos o livro *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*, temos que, além de promover a identificação das crianças nordestinas, também faz com que as demais crianças tenham contato com outra cultura, outro clima e, até mesmo, outras expressões. Tendo em vista o público infantil brasileiro, todos os alfabetizados têm os códigos necessários para acessar o livro que, de uma forma ou de outra, acaba trazendo uma nova maneira de experimentar a realidade.

É interessante pensar em quais máximas cada livro infantil acaba pregando e o quanto funcionam como espelho do autor, da sociedade e das ideologias dominantes (CALDIN, 2003). *Dora Pé-de-Bicho* não está isento de nenhum desses elementos, pois é impossível desvencilhar qualquer tipo de prática artística do contexto histórico e social em que está inserida.

Ao contar uma história sobre uma menina pobre e simples que nega os padrões de feminilidade, que não tem medo de homens e não aceita estar em posição de submissão, há certos valores colocados no texto. A mentira de Rico/Mula também acaba por ensinar sobre honestidade e necessidade de compreensão, por exemplo.

Nesse sentido, o valor melhor evidenciado durante todo o livro é a proteção à natureza, feita pelos nossos maiores heróis, Saci-Pererê e Curupira. De certa forma, a valorização dessas personagens ao colocá-las como figuras centrais para a harmonia das matas, ainda que discretamente, tanto quanto Dora acaba por ser, também é um enaltecimento à cultura popular brasileira.

Em consonância com a narrativa de *Dora Pé-de-Bicho* que fala sobre a seca, o machismo e outras questões do sertão nordestino, Caldin escreve que:

(...) o livro infantil apresenta a realidade – os problemas sociais, políticos e econômicos. Ao assim fazer, não foge do lúdico, pois continua a transmitir emoções, a despertar curiosidade e a produzir novas experiências. Por outro lado, desempenha uma importante função social que é fazer com que a criança perceba intensamente a realidade que a cerca. (Caldin, 2003, p. 51)

Dessa forma, podemos entender a literatura infantil como um agente crucial de transformação na sociedade por meio da transmissão de valores e inclusão das crianças nas problemáticas existentes na atualidade. Incorporando o público infantil no contexto histórico, nas discussões e reavaliações da ordem social, sem abrir mão da fantasia, faz com que surja uma nova percepção da realidade e que seja criada a capacidade de pensar a sociedade de maneira a se libertar de certos dogmas e padrões.

É importante notar que o conceito de infância que divide o que pode ou não ser dito, feito ou consumido de acordo com a idade, que surge após o século XVII, não é comum a todas as realidades. Dora, protagonista do livro em questão nesse trabalho, é uma criança com pouco

acesso à educação e que, desde cedo, tem atividades próprias dos adultos como cuidar das plantações e pastorear as ovelhas. Estes detalhes sutis, importantes para a narrativa, enquadrariam Dora no grupo de crianças que habitam também o mundo dos adultos.

Dito isso e repetindo a intenção de conquistar leitores por projeção e identificação, é essencial que existam Doras na literatura infantil. Embora retrate uma realidade dura, atenuada pela fantasia e aventura, a representação de pessoas similares à protagonista acaba por chamá-las para a leitura e, enfim, dar a elas a possibilidade de pensar o machismo, a relação com a natureza, a honestidade, a compreensão do outro e a diferença entre respeito e submissão.

## 2.2. RETRATOS DA LEITURA E A REALIDADE NORDESTINA

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro, que teve sua 4ª edição publicada em 2016, tem um papel de grande importância para o mapeamento dos hábitos de leitura e consumo de livros no país, auxiliando no entendimento dos padrões e desigualdades que coabitam e convivem no Brasil. Os dados provenientes dessa pesquisa foram aqui utilizados na tentativa de compreender a demanda do público leitor, principalmente o infantil, e entender onde e como *Dora Pé-de-Bicho* se encaixaria nesse universo, bem como traçar sua razão de ser no contexto atual.

A Retratos da Leitura (2016) define leitor como aquele que leu, pelo menos, 1 livro, inteiro ou partes dele, nos últimos 3 meses (anteriores a pesquisa). Ainda que tendo lido nos últimos 12 meses, não é considerado leitor aquele que declara não ter lido nos 3 meses anteriores à pesquisa. Tendo como base essa classificação, em 2015, 104.7 milhões se disseram leitores, 6% a mais que em 2011. Mas quem são esses leitores?

Na divisão por idade – informação primordial para entender o mercado em que estará inserido o *Dora Pé-de-Bicho* – temos que 67% das crianças entre 5 e 10 anos leram pelo menos 1 livro nos 3 meses que antecederam a pesquisa. Considerando que o público-alvo de *Dora Pé-de-Bicho* – *contra a Mula Sem Cabeça* é composto por crianças entre 8 e 12 anos, é válido mencionar que, segundo a pesquisa, 84% dos jovens entre 11 e 13 anos declararam-se leitores, tendo a maior percentagem entre todas as faixas etárias presentes no estudo.

Tendo em vista que o livro tema desse trabalho é pensado, principalmente, para o público nordestino, o recorte por região é demasiadamente significativo. A Retratos Da Leitura no Brasil (2016), sobre isso, nos informa que entre 2011 e 2015 a quantidade de leitores no Nordeste não se modificou, mantendo-se com apenas 51% da população leitora, totalizando 26.2 milhões de leitores, mais precisamente. Em contraste, a quantidade de leitores aumentou

em 11% na região Sudeste, chegando a 61%, com 48.3 milhões de leitores em 2015, 22.1 milhões a mais que no Nordeste.

Tal disparate pode ser justificado pelos rumos históricos de investimento na região Sudeste e precarização da região Nordeste desde a mudança da capital de Salvador para o Rio de Janeiro e do crescimento econômico pela indústria cafeeira. No entanto, a história começou de maneira um pouco diferente.

A primeira tentativa de introdução de tipografias no Brasil foi feita pelos holandeses quando ocuparam o Nordeste brasileiro entre os anos de 1630 e 1655. Entretanto, após o falecimento do tipógrafo selecionado para encarregar-se do trabalho, uma série de empecilhos, incluindo a decadência da posição holandesa no Brasil, fez com que a instalação da primeira impressora do Brasil, localizada em Recife, fosse adiada para 60 anos mais tarde (HALLEWELL, 1982, p. 12,).

Durante boa parte do século XIX, quando a economia era dominada pela indústria açucareira que se concentrava no Nordeste, o principal centro impressor nas províncias brasileiras era Recife. No início do século, no entanto, não se encontravam livros em grande quantidade na cidade, o que mudou com rapidez após a revolução separatista de 1817. O ano foi marcado por impressões de propaganda rebelde. A partir daí, entre disputas, censuras, retração e investimento, as tipografias no Recife cresceram, ainda que a cidade não atingisse, no fim, o *status* de grande centro comercial (HALLEWELL, 1982, p. 113).

No Rio de Janeiro, as primeiras impressões datam de 1747, tendo como responsável Antônio Isidoro da Fonseca, um dos mais importantes tipógrafos de Lisboa. Gomes Freire de Andrade, governador do Rio (e de Minas Gerais) na época, estava disposto a investir na vida intelectual na cidade. A repressão da coroa, todavia, era bastante significativa, culminando no pedido de fechamento da tipografia e, em 1720, na proibição das “letras impressas” no Brasil (HALLEWELL, 1982). A partir da chegada da corte portuguesa ao país em 1808, este cenário começa a mudar lentamente.

A falta de interesse pelas demandas culturais – e até mesmo pelas necessidades básicas – da colônia, carregada em censura e impedimento do comércio de livros que até meados do século XIX tinham de ser contrabandeados e, devido à raridade, leiloados, ajuda a explicar a falta de tradição leitora no país, bem como a elitização da leitura.

Isto traz à luz a sensação de falta de pertencimento de toda uma camada da população sobre o consumo literário, podendo ser evidenciada a partir da noção comum àqueles com baixa escolaridade e não alfabetizados de que a leitura pode fazer a pessoa mudar de vida e crescer financeiramente. Em contrapartida, a maior parte das pessoas com ensino superior, leitora,

concorda que ler é prazeroso e apenas uma pequena percentagem compartilha do mesmo pensamento daqueles que não têm acesso à leitura, parcela que o livro *Dora Pé-de-Bicho* almeja atingir e convidar à leitura (Retratos da Leitura, 2016).

A Paraíba, ambiente do *Dora Pé-de-Bicho* e local do seu principal público-alvo, quando ainda era Parahyba do Norte, recebeu seu primeiro prelo em 1817, após a revolta separatista que havia eclodido naquele ano. É contado que um navio inglês naufragara nos rochedos de Cabo Branco, próximo à atual localização de João Pessoa, e dele fora resgatado o primeiro prelo da província. O segundo chegaria em 1823, tendo sua primeira publicação apenas em 1826 e sendo a oficina fechada um ano depois, pela troca do governo. Os periódicos paraibanos, bem como as demais escassas impressões eram feitas em Recife (HALEWELL, 1982, p. 119).

Em 1834 o impressor José Rodrigues da Costa interessou-se pela capital paraibana para onde foi e prosperou, produzindo diversos livros. Após seu falecimento, 32 anos depois, seus herdeiros venderam a tipografia aos proprietários de *A União*, um órgão do Partido Republicano da Paraíba. A imprensa oficial do novo regime e *A União* se fundiram em 1913, publicando 354 folhetos e livros não oficiais. Em 1973, a empresa transformou-se em uma companhia estatal, que ainda existe em João Pessoa, “A União” Cia. Editora.

É indispensável entender a realidade do mercado e do consumo de livros no Brasil, em especial da região onde se encontra o principal público-alvo do livro em questão. De acordo com a Retratos da Leitura no Brasil, os livros religiosos e a Bíblia estão em primeiro lugar nos gêneros mais lidos e os infantis em sexto. Entre os mais jovens, com idade de 5 a 10 anos, é mais frequente a leitura de literatura infantil e de contos. A motivação para a leitura nesta faixa etária é, principalmente, o gosto, sendo seguida por exigência escolar (Retratos da Leitura no Brasil, 2016).

Ainda que possamos afirmar que se lê pouco no Brasil, temos, com base nos dados anteriormente mencionados, que, pela escola ou por gosto as crianças leem. Isto, no entanto, não é regra geral: como supracitado, o número de leitores da região Sudeste supera o da região Nordeste em mais de 20 milhões, assim como é díspar a taxa de alfabetização e de acesso à educação.

Neste sentido, o acesso à educação infantil é tão importante quanto o acesso à educação dos pais e responsáveis da criança que consumirá ou não o livro. Tanto nos dados de 2011, quanto nos de 2015, é vista a relação entre a maior escolaridade dos pais de leitores quando posta em comparação com a escolaridade dos pais de não leitores (Retratos da Leitura, 2016). Dito isso, essas informações não são pontuais, mas parte de um processo e contexto histórico que vem se desenhando há anos e construindo, no país, realidades bastante diferentes entre as

regiões, estados e municípios (para não falar em bairros e entrar em minúcias que alongariam e dariam um tom desanimador a esse estudo, o que passa longe da intenção).

O número de bibliotecas públicas também é inferior na região nordeste, dificultando a obtenção de livros, problema que é intensificado porque uma das razões mais citadas para não ler é o preço cobrado pelas livrarias. É válido ressaltar que, em algumas cidades nordestinas, as livrarias são poucas e as que prevalecem são religiosas. Por vezes, o comércio de livros é informal e, geralmente, atendem ao gênero religioso.

Para descrever a demanda e oferta de livros e o padrão de leitura no Nordeste, será utilizado como base o estudo de caso do município de Campina Grande, na Paraíba. Não por acaso, próximo ao local em que é ambientado o *Dora Pé-de-Bicho*.

No ano de 2015, a cidade, com 385.213 mil habitantes, contava com pelo menos 313 mil pessoas alfabetizadas residindo no município e 70 mil matrículas em escolas de ensino fundamental e médio. De acordo com o IBGE, o rendimento nominal mediano mensal *per capita* dos domicílios particulares é de 228 reais na zona rural. Já na zona urbana, o rendimento médio é de 382,50 reais.

Campina tem uma relação estreita com iniciativas culturais: além dos museus que têm como figuras homenageadas Ariano Suassuna e Luiz Gonzaga, por exemplo, a cidade conta com a Academia Campinense de Letras (ACL), entidade literária máxima local, que divide espaço com a Biblioteca Municipal. O município conta com, pelo menos, 5 grandes bibliotecas públicas para atender seus mais de 385 mil habitantes, sendo duas delas pertencentes aos museus Histórico e Geográfico de Campina Grande e Assis Chateaubriand.

Caminhando na direção do Cariri, a situação é ainda mais alarmante: em Boqueirão, município da região metropolitana de Campina Grande, há somente uma biblioteca e uma livraria. Em contraste, na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, são 11 Bibliotecas Populares Municipais.

Para um lugar da dimensão histórica, econômica e cultural de Campina Grande, no entanto, o número de bibliotecas públicas ainda é reduzido. Em contrapartida, proporcionalmente, a cidade conta com uma quantidade elevada de livrarias. São 22 estabelecimentos, sendo 14 localizados no centro do município. Todavia, o contraste literário é intrigante: ainda que um bom número venda livros de ficção, é grande a quantidade de livrarias religiosas neste município. Dentre elas, a livraria Shalon e a livraria Arnaldo Leite Loiola que funciona como uma espécie de sebo, disponibilizando livros antigos, já utilizados e de cunho religioso.

A cidade possui uma grande religiosidade entre os habitantes, sendo a sua grande maioria cristã. Até 2015, 246 mil declaram-se membros da Igreja Católica Apostólica Romana, 94 de igrejas evangélicas e quase 5 mil são adeptos do espiritismo<sup>1</sup>. Levando em consideração as condições financeiras e rendimento monetário mensal *per capita* dos habitantes de Campina Grande, associados à religiosidade marcante da cidade, é fácil explicar o motivo da presença marcante de livrarias religiosas. Embora a maioria da população seja alfabetizada e tenha acesso à educação básica, é visto que 90% dos estudantes da cidade não têm o hábito de adquirir obras literárias (DA SILVA, 2016).

Tendo como base este cenário, não é difícil imaginar o padrão geral do consumo de livros no nordeste brasileiro. O acesso à literatura é complicado, o que não necessariamente é regra para todos os gêneros. No caso da literatura infantil, a leitura pelo público de 5 a 10 anos é frequente (evidenciada pelo aparecimento de *Diário de um banana*, de Jeff Kinney, que vem segundo lugar nos livros mais citados na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil), assim como a de histórias em quadrinhos, gibis e RPG, que têm em comum com o *Dora Pé-de-Bicho* a presença marcante de ilustrações. É importante atentar para o fato de que as crianças não adquirem seus livros sozinhas, geralmente possuem um mediador que, frequentemente, é a escola.

O consumo de escritas “não clássicas” é mais frequente. Em 2015, os romances *best-sellers*, livros de autoajuda e religiosos foram bastante adquiridos pelos jovens de Campina. A resistência pela leitura, no entanto, se dá, muitas vezes, por não haver a empatia necessária entre o leitor e o texto (DA SILVA, 2016). Esta afirmativa, embora pareça simples, engloba uma série de fatores, incluindo a noção de pertencimento e identificação com o ato da leitura e com os livros, de maneira geral. Por isso, a existência de obras ambientadas em locais reconhecíveis pelo público, bem como narrativas plurais, que contem a história de pessoas dos mais diferentes meios, é extremamente importante.

O *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* pretende chamar os não leitores à leitura voltando o olhar para a região Nordeste, suas particularidades e tradições. Outro dado intrigante, presente na Retratos da Leitura no Brasil, colabora para a existência do espaço e possibilidade de identificação do leitor com o *Dora Pé-de-Bicho*: tanto em 2015 quanto em 2011, o público feminino supera o masculino na quantidade de leitores. Esse detalhe é de grande

---

<sup>1</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do census de 2010 e pesquisa de 2015.

importância quando pensamos na demanda por representação e protagonismo feminino nos livros, item que o livro infantil em questão cumpre.

### 2.3. AUTOFICÇÃO E O MOMENTO DO “EU”

Na contemporaneidade, público e privado convivem e se misturam a ponto de se tornarem quase indistinguíveis. Em tempos de redes sociais e compartilhamento de tudo, não é difícil de perceber que o íntimo, o pessoal, se confunde com o exposto a todo o tempo. Esse padrão de exposição se dá muito pela tentativa de aceitação da identidade que se escolhe para exibir pelo outro.

Michel Foucault (1992: 150) em seu texto clássico “A escrita de si” afirma que “escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”. (...) Quando analisamos as autobiografias e as autoficções podemos perceber em ambas esse endereçamento a um outro, no caso o leitor, e para quem o autor se mostra. (Travancas, 2018, p. 36)

Esse ambiente de crescimento do “eu” revelado ao outro na indústria cultural, na mídia e nas relações interpessoais é propício para o sucesso de gêneros como a autoficção. Narrativas desse tipo são muito comuns na música, por exemplo, onde se procura cada vez mais elementos da vida pessoal do intérprete ou compositor na letra ou na performance. Nesse sentido, a literatura passa por um processo parecido com o híbrido de realidade e invenção que constitui a escrita autoficcional.

O termo foi usado pela primeira vez pelo escritor francês Serge Doubrovsky. Impulsionado pela ideia de criação de um texto que fizesse a unidade entre autor e narrador, leu o estudo sobre materiais autobiográficos de Philippe Lejeune, professor e ensaísta. Movido por uma resposta positiva sobre seu questionamento sobre o tipo de texto que chamaria de autoficcional, escreveu *Fils*, primeira obra do gênero que ele mesmo batizou (PATROCÍNIO, 2016).

É preciso atentar para o fato de que a autoficção é um gênero, ou proposta de gênero, bastante recente. O livro de seu pioneiro e criador do neologismo, *Fils*, foi publicado em 1977. A partir daí e de novos livros de mesmo estilo publicados, surgiram inúmeros estudos, debates e discussões que questionam tanto o convergir de autor, narrador e personagem, quanto o *status* de gênero literário das produções autofissionais (PATROCÍNIO, 2016). Esse tipo de literatura, por recente que é, por vezes leva outros nomes. Ocasionalmente, são utilizados os termos “autofabulação”, “autonarrativas” e expressões como “escritas de si” (ARAÚJO, 2016).



Por se tratar de textos, muitas vezes, norteados pela ficção ainda que com as características atribuídas a eles, Philippe Lejeune, segundo nos informa Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, questiona:

Mas seria de fato um gênero? Como poderia ela [autoficção] englobar sob um mesmo nome os que prometem dizer toda a verdade (como Doubrovsky) e os que se entregam livremente à invenção? (Patrocínio, 2016, p.2)

A autoficção, então, para além dos aspectos conceituais, é uma mistura homogênea – assim como água e açúcar podem ser – de invenção e memória. A realidade do autor é invadida pela ficção da escrita e vice-versa, sem uma fronteira bem delimitada entre estes dois universos. No entanto, com a quebra da noção de público e privado, característica da pós-modernidade, os dados do autor podem ser mais ou menos facilmente percebidos. Nesse caso, seguindo a analogia da água com açúcar, em se notando mais os traços do escritor, passamos a identificar a olho nu os dois elementos presentes na mistura.

Esta percepção, porém, não influencia na qualidade da obra, já que é o leitor que decide o quanto de açúcar quer na sua água. Marcelo de Araujo (2016) defende em seu artigo *Intertextualidade, metaficção e autoficção: Fronteiras da narrativa de ficção na literatura do início do século XXI* que “nesse novo ambiente editorial, o fazer literário se torna um empreendimento que envolve a colaboração dos leitores”, reforçando a relação de troca que existe, principalmente no gênero em análise.

*Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* pode ser categorizado como autoficção por fazer convergir autor, personagem e narrativa. Esses elementos, porém, não são de fácil percepção pelo leitor. Apesar de se utilizar de pontos da realidade para a construção da ficção, o livro em questão flerta com o realismo fantástico, trazendo personagens do folclore, animais falantes, etc. o que mantém seu caráter autoficcional discreto e se aproxima mais da invenção criativa.

Raquel Cozer (2013), diretora editorial da editora HarperCollins Brasil e colunista do jornal Folha de S. Paulo, em sua coluna *Tendência de autoficção coincide com fase de superexposição de escritores* inclui na autoficção as narrativas com pontes mais explícitas entre autor e personagem – como o nome em comum entre eles – e as mais sutis que, como *Dora Pé-de-Bicho*, podem conter apenas histórias passadas comuns com o criador. Na mesma coluna, evidencia a alta do “eu” na literatura brasileira e atribui esse fenômeno à maior exposição de escritores.

Além dos textos com aspectos claros e já mencionados, a autoficção também engloba as produções externas ao livro, mas indissociáveis dele. Isso quer dizer que postagens em redes

sociais anteriores ou posteriores à publicação, outros materiais produzidos para a indústria editorial e declarações dos autores podem ser incluídos neste gênero pois influenciam na experiência de leitura (ARAUJO, 2016).

Casando a experiência de leitura com a de escrita, Eneida María de Souza em seu artigo *Autoficção e sobrevivência* discorre sobre a manutenção da memória por meio desse tipo de literatura e reforça que ficcionalizar não é apenas criar mentiras ou distorções, citando Rancière que observa que “fingir não é propor engodos, porém elaborar estruturas inteligíveis. (...) O real precisa ser ficcionado para ser pensado” (SOUZA, 2017).

A desrealização do real feita pela autoficção é comum, de certa forma, a autobiografia. Embora as narrativas autobiográficas sejam enxergadas como mais genuínas, também passam pela rememoração e pela percepção pessoal e organização de quem a escreve (SOUZA, 2017). Já não é mais propriamente a realidade, mas uma adaptação dela que se aproxima tanto da ficção quanto a autoficção se aproxima dos acontecimentos reais. Nesse sentido, Ricardo Lisías, autor de “romances do eu”, como informado por Raquel Cozer na Folha de S. Paulo, pondera que:

Se por autoficção compreendermos a contestação radical da possibilidade de a literatura refletir qualquer realidade, meus livros se enquadram no termo. Mas, se significa o autor dizer que o livro é sua vida, não. Livro algum reflete a realidade. Achar o contrário é matar o que há de arte na literatura. (Cozer, 2013)<sup>2</sup>

As motivações para a escrita desse tipo de narrativa podem ser muitas. Desde a necessidade do compartilhamento para sanar questões próprias, até a reorganização da própria vida a partir de sua ficcionalização.

Nesse gesto suplementar, a literatura assume, para os escritores, diferentes finalidades, ora como remédio, na concepção do autor turco Pamuk, para quem escrever é uma forma de ludibriar e preencher os vazios do cotidiano; (...) como sobrevida de uma reação afetiva que se recupera pela escrita; ou ao contrário, no entender de Margerite Duras, a escrita de si não substitui nada, não ajuda a viver. (Souza, 2017, p.113)

A razão de ser de *Dora Pé-de-Bicho*, diferentemente de todos os casos citados por Eneida María de Souza, não é terapêutica ou para recuperar memórias e histórias, apesar de fazê-lo. A motivação está mais associada ao efeito que pode causar aos outros do que a mim. Para além de uma homenagem a Maria das Dores cujas histórias e personalidade serviram de alimento para a criação da protagonista Dora, a busca pela representatividade de nordestinos,

---

<sup>2</sup> Trecho da coluna de Raquel Cozer para o jornal Folha de S. Paulo Tendência de autoficção coincide com fase de superexposição de escritores. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1381961-tendencia-de-autoficcao-coincide-com-fase-de-superexposicao-de-escritores.shtml>

bem como a intenção de enaltecer a cultura desse povo – até mesmo como manifestação de orgulho – foi o que impulsionou a produção desse livro.

*Dora Pé-de-Bicho* é escrito em terceira pessoa, embora o narrador pareça bem próximo à personagem (terceira pessoa íntima, característica mais bem descrita na metodologia). No entanto, boa parte das narrativas autoficcionais se dão na primeira pessoa, fundindo ainda mais autor, personagem e narrador. É um momento propício para esse tipo de livro, já que os escritores estão cada vez mais presentes nas redes sociais e são cada vez mais importantes para o mercado literário (COZER, 2013).

Um exemplo conhecido é J.K. Rowling, autora da série *best-seller* mundial *Harry Potter*: a autora é bastante ativa em sua conta no Twitter, onde constantemente faz revelações sobre seus livros a respeito da identidade não mencionada anteriormente de seus personagens e, até mesmo, alterando elementos canônicos da série. Dessa forma mantém antigos leitores atentos e atualizados, ao mesmo tempo que desperta curiosidade em possíveis novos leitores. Ainda que *Harry Potter* seja uma fantasia totalmente ficcional, J.K. Rowling é um bom exemplo para entender a nova relação do escritor com o público e a importância dele para o mercado.

Dado o crescimento da proximidade entre público e autores, narrativas autoficcionais como *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* estão em um momento propício para acontecerem. Além disso, esse tipo de escrita pode funcionar como uma maneira artística de pensar, repensar e organizar a realidade, registrando memórias fortes de momentos políticos ou experiências de problemas sociais e fazendo com que sobrevivam além de seu tempo.

### 3. COMO NASCEU DORA PÉ-DE-BICHO

#### 3.1. PESQUISA DE TÍTULOS SEMELHANTES: ESTUDO DE MERCADO

Para quantificar o número de obras similares a *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*, foi realizada uma pesquisa simples em portais *online* de livrarias e lojas físicas ou não. O objetivo dessa pesquisa era entender a oferta desse tipo de história no mercado, bem como perceber o quanto o Nordeste e os nordestinos são representados na literatura infantil brasileira. O termo pesquisado foi “nordeste”, com filtros de faixa etária e gênero correspondentes ao público-alvo do livro, conforme as ferramentas oferecidas por cada *site*.

É válido salientar que cada portal tem seus próprios mecanismos de busca, sendo assim, utilizei os filtros disponíveis em cada um de maneira parecida. Na ausência do mesmo filtro de busca, procurei por equivalentes ou parecidos para encontrar resultados compatíveis com a minha pesquisa.

Na busca no portal *online* da livraria Saraiva foram encontrados quatro resultados ao pesquisar o termo “nordeste”, com os filtros “literatura infanto-juvenil” e “literatura crianças 8 a 11 anos”. Os livros resultantes desta busca têm como tema a seca do nordeste e lendas do folclore brasileiro, nunca uma história com narrativas e personagens originais. Quando aplicando o filtro “literatura juvenil”, foram identificados livros sobre Luiz Gonzaga, grande personalidade musical natural do Pernambuco, como *O Rei do Baião – do Nordeste para o mundo* de Arievaldo Viana e sobre o cenário nordestino geral, como *Era uma vez o Nordeste* de Marcos Pérsico.

Buscando o mesmo termo na Amazon, com os filtros “infantil” e “6 a 8 anos” foram encontrados oito livros, entre eles *Salve o povo nordestino* de Beto Brito e *Três Porquinhos em cordel* de Marco Haurélio. O título que mais se assemelha, nessa categoria, ao *Dora Pé-de-Bicho* é *Raimundo, cidadão do mundo* de Fabio Yabu. O livro também conta a história da aventura de uma criança nascida no Nordeste. Nesse caso, Raimundo é de Quixadá, no Ceará e viaja por vários lugares do planeta.

*Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*, no entanto, foi pensado para o público na faixa etária de 8 a 12 anos, idades não contempladas no filtro de busca anteriormente usado. Sendo assim, foi aplicado um segundo filtro. Quando a faixa etária muda para “9 a 12 anos” o número de livros aumenta para dez, porém tendo cinco em comum com a pesquisa anterior, ou seja, totalizando apenas cinco novos. Entre estes novos livros está *Terra de cabinha - Pequeno inventário da vida de meninos e meninas do Sertão* de Gabriela Romeu. O livro, apesar de ter

a proposta parecida com a do projeto *Dora Pé-de-Bicho*, é como um relicário, baseado em tradições reais e pesquisa de campo, não se enquadrando propriamente no campo da ficção.

No portal das Lojas Americanas que, apesar de ser uma loja de departamento de varejo, também faz comércio de livros novos e usados, a pesquisa foi feita nos mesmos moldes: o termo nordeste foi posto na área de busca, em seguida, aplicado o filtro “juvenil”. Apenas quatro títulos foram encontrados, sendo dois já vistos nas pesquisas anteriores: *Rei do Baião – do Nordeste para o mundo* e *Lendas Brasileiras*.

Ao repetir o processo no portal online da Livraria Cultura, foram encontrados dois livros sobre assuntos gerais do Nordeste. A mesma busca no portal da livraria Travessa encontrou apenas um resultado, o livro *O Rei do Baião – do Nordeste para o mundo* de Arievaldo Viana. Nenhum livro de ficção foi encontrado nestas duas buscas.

Com base no catálogo dessas lojas, não é difícil de perceber a escassez de obras literárias, em específico infantis e infanto-juvenis, que tenham a região Nordeste como tema. Ainda que existam, são poucas disponíveis e, em sua maioria, não ficcionais. *Dora Pé-de-Bicho* apresenta um formato diferente, com uma protagonista nordestina com sua própria aventura que não deixa de carregar consigo a cultura e as particularidades da região.

No universo dos jogos, a necessidade de abordar questões brasileiras para um público mais jovem, em teoria, já foi percebida. Foi nesse mundo que foi encontrada a narrativa mais semelhante de *Dora Pé-de-Bicho*. O jogo *Árida* tem como protagonista Cícera, uma jovem, negra e nordestina que ajuda sertanejos da Bahia a lidarem com a seca. Histórias e personagens como essas são importantes tanto para a valorização da nossa identidade, quanto para a representatividade e identificação, o que é comum aos jogos e aos livros. João Paulo Hergesel, no dia nacional do livro infantil, declarou que:

Todo mundo pode ser um super-herói durante a leitura e, posteriormente, utilizar as virtudes heroicas na vida real. Eis, inclusive, a importância de disseminar mensagens positivas e benévolas nas histórias direcionadas a esse público. (Serafim, 2019)<sup>3</sup>

Tendo como base essa pesquisa e os padrões de consumo e leitura no Brasil, em especial na região Nordeste, demonstrados na Retratos da Leitura no Brasil (2016), concluímos que há espaço para *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*. Isso se justifica pela não similaridade com outros títulos, pela presença de uma protagonista do gênero feminino e

---

<sup>3</sup> Esta fala de João Paulo Hergesel foi em entrevista para o G1, como informa a matéria *Dia do livro infantil: escritor premiado fala sobre literatura no interior de SP* de Ana Beatriz Serafim. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/04/02/dia-do-livro-infantil-escritor-premiado-fala-sobre-literatura-no-interior-de-sp.ghtml>

nordestina, bem como da Mula Sem Cabeça, o permite chamar um novo público para a leitura por meio da projeção, identificação e representatividade. Além disso, também busca olhar para a cultura popular brasileira de forma afirmativa e orgulhosa, um bom valor a ser transmitido nos livros infantis.

### 3.2. REFERÊNCIAS VISUAIS

Para a elaboração do projeto editorial e gráfico de *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*, algumas referências visuais foram cruciais. Livros como os da série *Judy Moody*, *Pippi Meialonga* foram extremamente influentes no projeto de *Dora Pé-de-Bicho*. O critério para usá-los como foi o ponto em comum com o livro em questão nesse trabalho: a protagonista feminina. Para além desses, *A lenda do violeiro invejoso* também serviu de inspiração por se tratar de um livro com claras referências à literatura de Cordel e à cultura popular nordestina.



Figura 1 Capas dos três livros usados como referências estéticas. Da direita para a esquerda: *Judy Moody*, *Pippi Meialonga* e *A lenda do violeiro invejoso*.

*Judy Moody* de Megan McDonald, publicado no Brasil pela editora Salamandra, foi a principal referência para as dimensões do livro *Dora Pé-de-Bicho*. Por ser um pouco menor que o *paperback* tradicional, tendo um formato fechado de 13x18cm, é fácil de manusear e se diferencia dos demais na estante, chamando atenção. Além disso, a relação entre imagem e texto nesse livro serviu de grande inspiração. O projeto editorial conta com ilustrações de uma ou duas páginas inteiras e pequenos desenhos distribuídos ao longo do texto.

As capas vivas e intensas da série *Pippi Meia-Longa* de Astrid Lindgren, publicadas pela Companhia das Letrinhas, serviram de referência para determinar as cores da história de Dora. Inicialmente, o projeto tinha o amarelo como cor central, o que foi se modificando durante o processo de preparo das ilustrações, detalhado ainda nesse capítulo. A tipografia divertida em

consonância com a protagonista, também ajudou a definir a que seria utilizada no meu projeto gráfico, principalmente na capa.

Contribuindo para as referências à xilogravura na tipografia e à literatura de cordel no texto, *A lenda do violeiro invejoso* de Fábio Sombra também foi uma das referências estéticas. Semelhante ao projeto de *Judy Moody*, as ilustrações também são em páginas inteiras ou pequenas distribuídas ao longo da narrativa, conforme as necessidades apresentadas. Ambos foram o parâmetro para a criação da relação entre imagem e texto em *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*.

### 3.3 A PALAVRA ANTES DAS PÁGINAS: METODOLOGIA DE ESCRITA

Uma história pode ser contada das mais diferentes maneiras e de várias perspectivas. A narração – em primeira, terceira ou, até mesmo, segunda pessoa do singular – é definitiva para construir e determinar a identidade do texto. O livro infantil ilustrado *Dora Pé-de-Bicho* é narrado na terceira pessoa do singular, muito embora seja centrado na perspectiva da protagonista, Dora Pé-de-Bicho.

A narração em terceira pessoa do singular é considerada confiável pela sua “onisciência”, no entanto pode ser mais parcial do que onisciente. O estilo autoral pode transformar esse tipo de narração em tendenciosa, enquanto que a onisciência, segundo James Wood (2011) é quase impossível. Enquanto pode se tentar contar a história de um olhar distante do personagem principal, muitas vezes, ao concentrar-se nele, a narração incorpora sua personalidade, sua maneira de pensar, agir e falar.

A onisciência de um romancista logo se torna algo como compartilhar segredos; isso se chama *estilo indireto livre*, expressão que possui diversos apelidos entre os romancistas – “terceira pessoa íntima” ou “entrar no personagem”. (WOOD, 2011, p. 21, – grifo do autor)

De uma maneira consciente, *Dora Pé-de-Bicho* tem esse tipo de narração. Em muitos momentos do livro, os pensamentos e reflexões da protagonista aparecem na voz do narrador, afastando o romance do escritor e aproximando da personagem. Um exemplo de utilização do estilo indireto livre está no trecho em que Dora encontra a Mula Sem Cabeça na mata. O fluxo de raciocínio da menina, bem como sua tentativa de compreensão do barulho que escutava e do que via ou deixava de ver, suas estratégias e planos se misturam à narração dos acontecimentos em terceira pessoa do singular, sem necessitar de falas:

Só podia ser ela, só um bicho sem cabeça pode ter um andar desconchavado desses. Preparou sua baleadeira com a maior pedra que achou no boral. Seus pés começaram a brilhar, o que era muito ruim para quem tentava passar despercebida. Danou-se, o que apaga brilho de pé?

Não conseguia ver fogo, talvez a mula estivesse mansa hoje, sentindo que tinha gente amiga por perto. (...) Sem cabeça, sem vista: se tivesse sorte, a Mula se derrotava sozinha. (Barbosa, 2019, p. 41)

A terceira pessoa íntima dá uma certa flexibilidade ao texto, incorporando o estilo do autor e a identidade do personagem e permitindo que, segundo Wood (2011), vejamos coisas através dos olhos do personagem e dos olhos do autor. Isso permite que exista o que o autor de *Como funciona a ficção* chama de “ironia dramática”, também presente em *Dora Pé-de-Bicho*.

A ironia dramática acontece frequentemente na literatura infantil (WOOD, 2011). Enquanto o texto diz uma coisa, a verdade pode ser outra. No caso de *Dora Pé-de-Bicho*, a personagem é enganada por Rico de Mané Mororó que se fantasia de Mula Sem Cabeça. O narrador parece tão desavisado quanto a protagonista. No entanto, nas ilustrações vemos uma mula remendada e com orifícios para os olhos, indicando, sutilmente, que é um alguém vestido de Mula Sem Cabeça.

A história, para além da narração em terceira pessoa íntima, se dá em formato semelhante à popular “jornada do herói”. Bastante reproduzida na literatura e no cinema, esta forma lida com questões comuns e universais, promovendo a identificação dos leitores e espectadores. É importante ressaltar que o herói pode ser qualquer um que esteja no centro da narrativa e a jornada pode ser, inclusive, interior (VOGLER, 2015).

Dora se encaixa no arquétipo clássico de herói, ligado à abnegação, que pressupõe que este personagem está disposto a sacrificar-se pelo bem comum. Sua jornada, no entanto, não segue completamente os doze estágios da jornada do herói que contemplam, segundo Christopher Vogler (2015) a vida no mundo comum, o chamado à aventura, a recusa do chamado, o encontro com o mentor, a travessia do primeiro limiar, as provas, aliados e inimigos, a aproximação da caverna secreta, a prova, a recompensa, o caminho de volta, a ressurreição e o retorno com o Elixir. Com suas variações, exclusões e adições, *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*, no entanto, passa por muitos dos pontos que caracterizam esse tipo de narrativa.

De início há uma introdução ao mundo comum de Dora, à sua vida simples, sua origem e sua rotina. Em seguida, há o encontro com a personagem que mais se encaixa no arquétipo do mentor, a vaca Fortaleza, que conta para Dora da ameaça que é a Mula Sem Cabeça: é o chamado à aventura fundido com o encontro com o mentor.

A travessia do primeiro limiar se dá logo depois quando a menina decide ir à mata enfrentar o monstro. Lá encontra seu aliado, Tonho Simão e passa pela grande prova que é



o confronto físico e real com a Mula Sem Cabeça. O final inesperado desse embate é que quebra a estrutura primária da jornada do herói e faz com que se repita a etapa da provação.

Abordando assuntos como o machismo, que ensina que Dora tem que ser submissa à Rico e dá ao homem toda a proteção e a ela nenhuma recompensa, chegamos à etapa do caminho de volta. Nessa fase, o herói sofre as consequências de ter vencido sua provação, de ter conquistado seu objetivo, nesse caso, por meio de seus poderes mágicos incompreendidos. Sem muitos aliados, Dora acaba sendo castigada.

No entanto, a “ressurreição” ocorre para a menina internamente, quando ela resolve, de maneira silenciosa, seguir protegendo a natureza com seus poderes, sem que ninguém saiba. No final, Dora ganha força e experiência. A sua magia, ainda que não compreendida e rejeitada, continua a acontecer em Barriguda de Baixo.

Considerando o público-alvo, crianças de 8 a 12 anos, o importante nessa estrutura de narrativa é discutir questões como a diferença entre o bem e o mal, a pobreza e a seca da região Nordeste, a necessidade de proteção à natureza e consequente indispensabilidade de nossas figuras mitológicas (Saci e Curupira são tidos como preservadores, nesse caso) e o machismo.

### 3.4 PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO

O projeto editorial e gráfico de *Dora Pé-de-Bicho* teve como objetivo primário a simplicidade e o destaque para as imagens. Considerando as referências visuais e o público-alvo, crianças de 8 a 12 anos de idade, todas as decisões e soluções foram pensadas para uma leitura mais confortável para tal público. Tendo sido elaborado inicialmente em 2017 (ANEXO), ainda que de maneira superficial, passou por inúmeras transformações e adaptações até chegar ao produto final.

Para diferenciá-lo dos livros tradicionais, facilitar o transporte e manuseio o formato fechado escolhido foi 13x18cm à exemplo da série de livros *Judy Moody* de Megan McDonald e da *Pippi Meia-Longa* de Astrid Lindgren. Já a mancha gráfica do livro é de 9,7x15,5cm (Tabela 1). As margens foram estabelecidas de maneira que sobre espaço para o manuseio - tanto na borda externa, quanto na superior e inferior do livro (Tabela1). Algumas das ilustrações, no entanto, não obedecem às margens e sangram pelas bordas externas das páginas.

	Dimensões	
Formato fechado	13x18cm	
Mancha gráfica	9,7x15,5cm	
Margens	Superior/inferior 1,27 cm	Interna: 1,5cm
		Externa: 1,8cm

*Tabela 1 Detalhes do projeto gráfico do livro.*

Georgia foi a tipografia escolhida para o texto por ser uma fonte com serifa, promovendo uma melhor leitura para textos mais longos. Em se tratando de um livro infantil, as ligaduras foram removidas para um maior entendimento e leitura. A mesma configuração (corpo 12/16pt) é utilizada para o título dos capítulos no sumário do livro.

A fonte citada anteriormente aparece em versalete, nos mesmos moldes de corpo e entrelinha, nos parágrafos iniciais de cada capítulo. Almejando evidenciar o início de uma nova etapa do texto, mas considerando a tipografia do título e do número do capítulo, optei pelo versalete em vez da inserção de capitulares, por exemplo.

A tipografia selecionada para os títulos – incluindo os do sumário, do glossário e dos agradecimentos - e os números dos capítulos são uma referência à capa do livro. DK liquid Embrace é uma fonte fantasia que mimetiza a escrita com pincel. Tanto na capa, quanto no miolo, a impressão que se quer passar é de algo feito artesanalmente, bem como lembrar a xilogravura dos cordéis nordestinos. Os títulos dos capítulos, de maneira pouco usual, são todos justificados à direita, junto com seus números correspondentes coloridos em azul claro para diferenciá-los do título e reduzir seu “peso”. Há um espaço considerável entre os títulos de cada capítulo e o texto corrido. Decidi por assim fazer também pensando em não carregar essas páginas de informações, de modo que ficassem esteticamente equilibradas e não poluídas. Pelo mesmo motivo, assim como entre título e texto há um espaço, optei por substituir o recuo por uma distância maior entre um parágrafo e outro.

Todos os capítulos têm início em páginas ímpares, sem exceção. Da mesma forma, os fragmentos da poesia de Antônio Carlos de Oliveira Barreto que funcionam quase como epígrafes, foram alocados em páginas ímpares. Essa escolha, além de estética, objetivou criar um certo mistério e expectativa durante a leitura.

Assim como a tipografia dos títulos dos capítulos, a folha de rosto busca mimetizar completamente o projeto de capa do livro *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*. Para isso, foi utilizada a fonte serifada Apple Garamond em corpo 23pt. Simples, leve e clássica, a

fonte passa um ar de formalidade. Além de Georgia, é a única fonte com serifa presente no livro.

Considerando tanto a quantidade de informações em imagem, cores e o peso da tipografia em pincel escolhida para os títulos dos capítulos, optei por não carregar o fólio em detalhes. Assim como o texto principal, o número das páginas está em Georgia, diferenciando-se apenas por ter 11pt. É centralizado na página e não aparece em páginas com grandes ilustrações ou ilustrações sem fundo/fundo da página do livro.

As escolhas tipográficas fazem toda a diferença ao compor o livro. No *Dora Pé-de-Bicho* isso é evidenciado no capítulo 6, quando a protagonista, Dora, escreve uma carta. Para simular uma carta real, escolhi usar uma fonte manuscrita. É um grande desafio encontrar esse estilo tipográfico com todos os caracteres, acentos e pontuação necessários. Além disso, era primordial representar a escrita manual e simples de uma criança. Considerando todos esses fatores, escolhi a Mamaequenosfaz em cor azul, como se a carta tivesse sido escrita à caneta.

Ao final do livro, há um glossário que reúne todas ou boa parte das palavras e expressões pertencentes ao vocabulário nordestino. Lá também estão a descrição e sinônimos para alguns membros da fauna e da flora da região Nordeste, citados no livro. Embora a maior meta seja conquistar e representar leitores daquela região, que tenham mais familiaridade com esse universo, a difusão dessa cultura para aqueles alheios a ela também é bastante interessante. Por fornecer todos os códigos que possam ficar faltando para o entendimento da história, o glossário é parte primordial do livro.

Com objetivo de saudar ainda mais as tradições culturais nordestinas, para a criação tanto da narrativa, quanto do projeto editorial e gráfico, procurei referências na literatura de cordel, parte importante da literatura brasileira. A literatura de folheto, como também é conhecida, com ou sem suas xilogravuras, é muito popular e característica da região Nordeste.

As poesias em Cordel, com suas raízes na tradição oral, contam milhares de histórias que mantiveram e mantêm viva a cultura popular nordestina. Também há muitos versos de cunho político, críticas a governos e governantes, à corrupção e narrativas bastante atuais. As produções de cordéis remontam a memória de um grande passado e continuam fortes com os poetas da contemporaneidade tendo sua grandiosidade reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Brasil em 2018 pelo Instituto do Patrimônio Artístico Nacional.

Geralda Medeiros Nóbrega, em seu livro *O Nordeste como inventiva simbólica*, diz sobre o Cordel que:

Há nesta literatura a sociologização de um processo discursivo que, ao mesmo tempo em que narra, descreve, utilizando a forma versificada no relato, daí a junção de um discurso misto: técnicas da narrativa e do verso amalgamadas. O imaginário se beneficia destas estratégias e as supera, na intermediação entre a narrativa e a poesia, que alimentam a imaginação criadora. (Nóbrega, 2011, p. 151)

Com base na riqueza desta tradição, escolhi trazer a poesia nordestina para o projeto gráfico e história de *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*. De início, o objetivo era ler o maior número de cordéis possíveis e mesclá-los com a história. No fim, ao deparar-me com a poesia *Canto lírico de um Sertanejo* (2005, ANEXO I), de Antônio Carlos de Oliveira Barreto, no livro *Na memória da tradição – fontes de informação em Literatura de Cordel* (ALBUQUERQUE Et. Al, 2016, p.80), publicado pela Eduepb, resolvi selecionar trechos chave para abrir os capítulos.

O poema *Canto lírico de um Sertanejo*, escolhido para abrir os capítulos retrata bem o povo nordestino e casa com a jornada de heroísmo, dor e compaixão de Dora. As estrofes foram destacadas em ordem diferente da original do poema para utilização, como epígrafes, no livro em questão, de acordo com a necessidade da trama do capítulo.

Para além disso, a tradição poética oral nordestina do repente e do cordel foi incorporada no livro, como uma escolha bastante consciente, em todos os diálogos e falas, feitos em rimas. A carta de Dora, no penúltimo capítulo do livro, na página 74, também é uma saudação à poesia nordestina tão forte e tão política. Assim como as cores, as escolhas tipográficas e a representação das vegetações, a inserção da poesia proveniente da literatura de folheto foi uma escolha bastante pensada, objetivando resgatar e manter fortes os laços do livro com a cultura popular tradicional nordestina, sem resumi-la a uma ou outra característica, mas mantendo o híbrido, o heterogêneo e plural que ela é.

### 3.5 ILUSTRAÇÕES

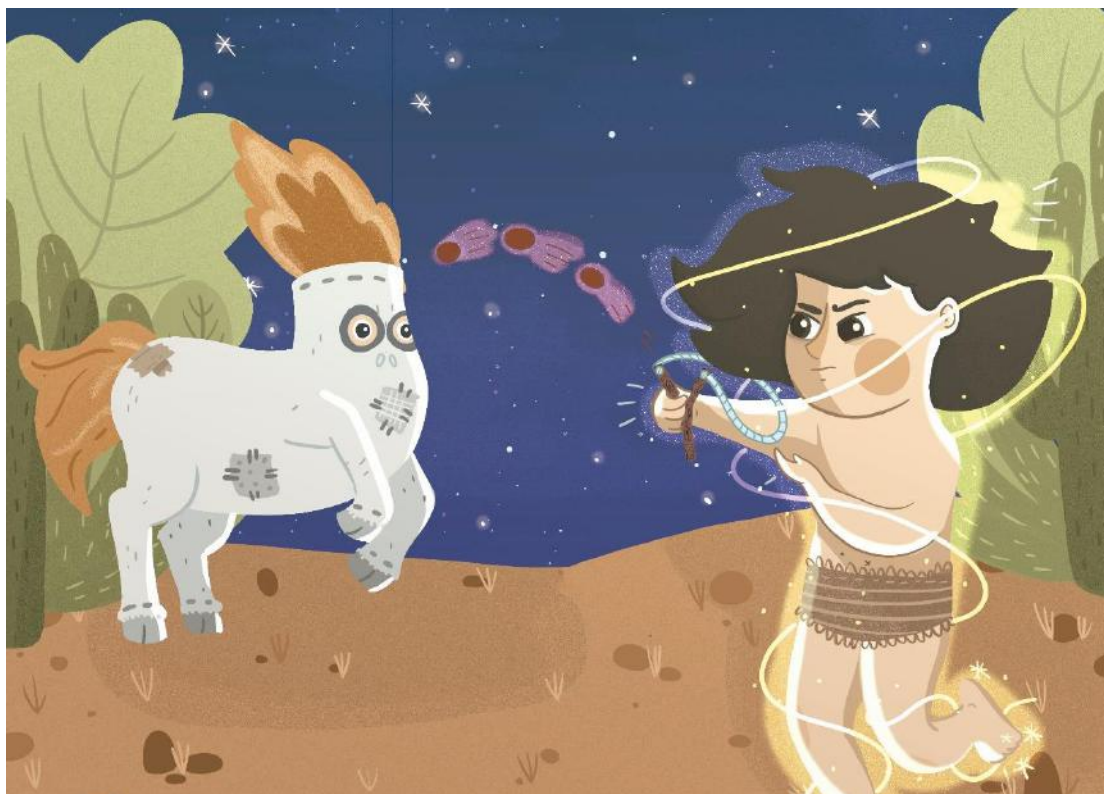
As ilustrações do *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* são parte importante na composição da história. Ainda que o público-alvo almejado seja o de crianças que já tenham certa independência para ler e leem obras mais próximas ao infanto-juvenil ou *young-adult*, a ilustração ainda é importante para mantê-las presas à narrativa.

Parte das ilustrações que compõem o livro foram feitas completamente de maneira digital por mim, autora também do texto escrito. Para isso foi utilizada a mesa digitalizadora Wacom Intuos Comic em associação com o programa Adobe Photoshop. A escolha por fazer

ilustrações digitais baseou-se na facilidade de repetir padrões e cores, objetivando manter continuidade e coerência estética no livro.

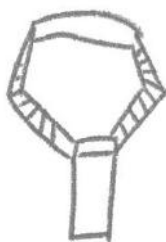
A elaboração da identidade visual da personagem principal foi um processo longo com uma série de testes, mas que, no fim, correspondeu bastante à imagem de Maria das Dores na infância. O sinal próximo ao umbigo e os trajes que Dora usa são características importantes, para compor a protagonista. Os cabelos escuros e curtos, quase sempre esvoaçantes, colaboram para construir a sua personalidade forte, bem como trazer para o livro referências mais cinematográficas de heróis. Dora foi a única personagem cuja imagem precedeu a descrição escrita. As demais figuras ilustradas foram desenhadas após a conclusão do texto.

Quando em combate, Dora usa de seus poderes mágicos que fazem a menina brilhar dos pés à cabeça. São duas as ilustrações que mostram essa luz ao redor da personagem (Figura 2 e Figura 4). O efeito luminoso foi produzido por meio de uma espiral de luz brilhante, envolvendo todo o corpo de Dora e uma aura com pequenos pontos iluminados. Em ambas as ilustrações, o lado em que a heroína se encontra está mais claro, como se refletisse a luz emitida pelo seu poder.



*Figura 2 Dora enfrenta a Mula Sem Cabeça. Ilustração presente no livro, feita pela autora.*

É bastante válido e interessante ressaltar que algumas das outras ilustrações foram feitas por Maria das Dores Sousa Barbosa, inspiração por trás de Dora Pé-de-Bicho. Para me ajudar a entender alguns objetos, como a “baleadeira” ou estilingue (Figura 3), algumas características de vegetação, paisagem e animais, Maria desenhou figuras com lápis comum em papel Chamex. Escolhi por colocá-las no livro, como se fossem ilustrações da própria protagonista.



*Figura 3 "Baleadeira" ou estilingue. Ilustração presente no livro Dora Pé-de-Bicho - contra a Mula Sem Cabeça. Ilustração de Maria das Dores Barbosa, inspiração por trás da personagem Dora.*

De certa forma, a participação direta dela na produção deste livro foi bastante positiva e proveitosa. Ainda que tenha contado para mim as histórias que serviram de inspiração para as aventuras de Dora, as ilustrações concretizaram a sua influência no *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*, aproximando-o ainda mais da autoficção.

Para inserir os desenhos de Maria no livro todas as suas criações foram escaneadas. Em seguida, utilizei a mesa digitalizadora e o programa Adobe Photoshop para tornar os desenhos digitais, contornando-os com cor cinza para simular o lápis e mantendo todas as características dos originais.

A escolha das cores principais comuns a maioria das ilustrações – exceto as feitas por Maria que não sofreram alteração de cor – são essenciais para criar o ambiente do livro. Apesar de criar cada ilustração individualmente em um processo bastante intuitivo, algumas cores, como o marrom avermelhado do barro do chão seco, se mantêm.

Cores também podem ser utilizadas para fazer conexões na história. Na trama, o sertanejo Rico de Mané Mororó é quem está por trás da Mula Sem Cabeça. Para a cor de seu cabelo, portanto, escolhi o mesmo exato tom do fogo que é visto no topo do pescoço da Mula Sem cabeça na página 44 do livro (Figura 4). A cor de pele clara do personagem também faz lembrar a Mula remendada que Dora enfrenta na mata.

As variações de cor são próprias do ambiente mais ou menos ensolarado, dentro ou fora de casa ou de acordo com a personagem. Uma das ilustrações que melhor representa a paleta de cores de *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça* é a do embate entre Dora e Rico, situada na página 64 do livro. Os tons de verde das paredes de Rico são descritos no texto, mas também são próximos aos tons dos cactos e demais vegetações que aparecem nas demais

ilustrações. O chão de terra batida da casa do homem é similar ao barro que vemos em outros desenhos do livro, bem como o marrom da porta e dos utensílios de madeira. O amarelo também é cor predominante no livro que tanto menciona o sol e o calor do sertão nordestino. No livro, é possível encontrar a referência, inspiração e influência dos tons que colorem a história:

A lua, cercada de estrelas, iluminava a noite. O sertão tinha quatro cores durante o dia: o vermelho do barro do chão, o azul do céu, o verde triste das plantas secas e o verde arretado das que ainda resistiam. (Barbosa, 2019, p. 41)

As roupas de Rico são uma referência às vestimentas de Chicó e João Grilo no filme *O Auto da Compadecida*, baseado na peça de mesmo título de Ariano Suassuna. O calção de Dora, visto em todas as ilustrações em que a menina está, foi baseado em relatos pessoais de Maria das Dores que, na sua infância, dava preferência a bermudas e gostava de andar sem camisas e sapatos.



Figura 4 Dora enfrenta Rico de Mané Mororó, o homem que fingia ser Mula Sem Cabeça. Ilustração de Thais Barbosa para o livro. Ao lado, a paleta de cores utilizada nessa e na maioria das imagens do *Dora Pé-de-Bicho*.

### 3.6. PRODUÇÃO GRÁFICA

A produção gráfica do *Dora Pé-de-Bicho – Contra a Mula Sem Cabeça* foi a última etapa do processo de produção do livro. O estudo das referências estéticas, a busca pelo conforto na leitura e fidelidade às ilustrações digitais ajudou a definir que materiais trariam o *Dora Pé-de-Bicho* à vida a partir, também, de alguns testes simples.

A exemplo da maioria dos livros da série *Judy Moody* de Megan McDonald (2000), optei por fazer o miolo colorido em papel offset Pólen Bold 90g/m<sup>2</sup>. A cor mais amarelada do papel, além de promover uma leitura mais confortável, evidenciou, nesse caso, os tons

avermelhados e quentes das ilustrações e não prejudicou os esverdeados e as demais cores utilizadas, mantendo as imagens bastante parecidas com as versões digitais originais delas.

O formato aberto do livro é de 18x26,6cm considerando a lombada quadrada com costura simples. As orelhas, colocadas por razões estéticas e para maior proteção do livro, medem ambas 8cm. Nelas, encontram-se informações sobre a autora e um fragmento selecionado do texto, bem como a ilustração do pé com estrelas e cactos presente na falsa folha do livro. Com as orelhas, o formato aberto do livro mede 18x42,6cm. A capa foi impressa em papel Couché fosco 300g/m<sup>2</sup> 4/1 com laminação também fosca e a cor preta por dentro para completar a falsa folha, tornando o projeto mais coeso.

Para a impressão geral, foi considerado o maior aproveitamento do papel. O Americano/AM, de 87x114cm comportaria 18 vezes o formato aberto se coincidindo o comprimento com o maior lado (87cm) e a altura com o maior (117cm), oferecendo 91% de aproveitamento. No Americanão/AM+, de 89x119cm, caberia o formato aberto do livro também 18 vezes na mesma conformação que no outro tipo de papel, mas com apenas 81% de aproveitamento, ou seja, 19% de perdas. Ambas as situações, porém, têm maior rendimento, se comparadas aos resultados em 2A, 2B. Os dados são referentes a impressão offset, todavia foi produzida uma versão do livro em impressão digital a laser.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao recobramos todos os dados assinalados nesse trabalho, que mapeia a carência de literatura parecida com *Dora Pé-de-Bicho - contra a Mula Sem Cabeça* e a importância da existência dela até mesmo para o estímulo a leitura, podemos considerar que esse projeto, como um todo, é um forte sopro de esperança.

Nascido dos mais íntimos e antigos sonhos de ser uma espécie de Ziraldo (ainda há infinitos pratos de feijão com arroz a comer, para realizar tal façanha), também veio da observação e da pesquisa incansável que, por consequência, fez crescer a vontade de tentar mudar certos padrões, trazendo um novo público à leitura. O público que incluiria meus ancestrais, que também são Dora, nesse universo tão importante para a construção (e reconstrução) da sociedade, como é a literatura, em específico, a infantil.

A resistência pela leitura pode se dar por não haver a empatia necessária entre o leitor e o texto (DA SILVA, 2016) que pode ser originada pela sensação de não pertencimento, pela falta de representação e pela dificuldade ao acesso aos livros em livrarias e bibliotecas. *Dora Pé-de-Bicho – contra a Mula Sem Cabeça*, com uma personagem feminina que nega as saias e frufus (sem julgamento a saias e frufus, claro), orgulhosamente nordestina, com pouco acesso à educação básica e uma convivência estreita com mitos e lendas brasileiras; com uma história que aborda, sutilmente, a compreensão, a compaixão, a proteção à natureza e o machismo, traz uma narrativa não usual e importante.

É preciso observar que, apesar de a intenção ser dar conta de uma escassez de literatura similar a fim de tentar, por meio do estímulo a processos de projeção e identificação do leitor com a obra criar a dita empatia entre leitor e texto, *Dora Pé-de-Bicho* é apenas um tijolo na construção do que deve vir a ser uma casa inteira.

Criar a história escrita, as ilustrações, o projeto editorial e gráfico, apesar de ter sido árduo e quase enlouquecedor, em alguns momentos, pareceu natural. Por vezes, ocorre que a loucura, em pequenas doses, é essencial para o ofício criativo, sobretudo o da escrita. A interdisciplinaridade que construiu esse projeto, porém, foi o que me manteve a sanidade a níveis suficientemente bons para fazer e concluir tudo que precisava ser feito e concluído.

Como quem parcela uma grande compra (grande mesmo, como a de uma casa ou de um carro), realizar tal trabalho por partes, desenvolvendo cada pedaço dele em um momento, proposta e disciplina diferente, foi o fermento que o fez crescer dentro e fora de mim. É relevante dizer que isso não diminui a ansiedade de abrir o forno antes do bolo estar pronto, arriscando travar seu crescimento. O processo, que depende da execução de uma receita, nesse

caso criada por mim, é cansativo e, por vezes, resulta na vontade de desligar o forno e comprar um bolo pronto no supermercado mais próximo. Mas degustando-o agora, ao fim de tudo e começo de tantas outras coisas, não há “bolo” mais gostoso que o meu.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M.E.B.C. et al. **Na memória da tradição: fontes de informação em literatura de cordel**, Eduapb: Campina Grande; João Pessoa – PB: Editua da UFPB, 2016
- ARAUJO, M. **Intertextualidade, metaficção e autoficção: Fronteiras da narrativa de ficção na literatura do início do século XXI**. Viso Cadernos de estética aplicada Revista eletrônica de estética n. 18, jan-jun/2016. UERJ, Rio de Janeiro.
- AZEVEDO, R. **Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares**. 1999. Disponível em <<http://ricardoazevedo.com.br>> Acesso em 15 mar. 2019
- Biblioteca Municipal de Campina Grande volta a funcionar com ampliação nos serviços**. 6 jul. 2016. Disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/biblioteca-municipal-de-campina-grande-volta-a-funcionar-e-ampliada-nos-servicos/>> Acesso em 24 jun. 2017
- CABALLÉ, A. **Cansados do eu? A autoficção mostra sinais de fadiga**. 10 jan. 2017. Disponível em<[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/06/cultura/1483708694\\_145058.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/06/cultura/1483708694_145058.html)> Acesso em: 10 out. 2018
- CALDIN, C. F. **A Função Social da Leitura da Literatura Infantil**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Santa Catarina, v. 8, n. 25, 2003.
- COUTINHO, E. **Os sentidos da tradição**. In: Intercom, Salvador, 2002. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/f777fdae0f704b44711d5cb974fb6369.pdf>> Acesso em 11 mar. 2019.
- COZER, R. **Tendência de autoficção coincide com fase de superexposição de escritores**, Folha de S. Paulo, 7 dez. 2013 Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1381961-tendencia-de-autoficcao-coincide-com-fase-de-superexposicao-de-escritores.shtml>> Acesso em 10 mar. 2019
- CURY, C. E. **Espaços de leitura e venda de livros, compêndios e artefatos escolares na Parahyba do Norte (1822-1889)**. Outros Tempos, vol. 11, n.18, p.154-171, 2014
- Gênero da autoficção vira tendência na literatura contemporânea**, Correio Braziliense, 13 jan. 2014. Disponível em:<[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/01/13/interna\\_diversao\\_arte,407518/genero-da-autoficcao-vira-tendencia-na-literatura-contemporanea.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/01/13/interna_diversao_arte,407518/genero-da-autoficcao-vira-tendencia-na-literatura-contemporanea.shtml)> Acesso em 10 out. 2018
- HALLWELL, L. **O livro no Brasil (sua história)**, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), **Cidades IBGE**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br>> Acesso em 23 de jun 2017.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil 4ª edição**. [S.l.]: [s.n.], 2016.
- Jogo desenvolvido no Brasil apresenta menina nordestina como protagonista**. Brasil de Fato, São Paulo, 2019. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2019/01/08/jogo-desenvolvido-no-brasil-apresenta-menina-nordestina-como-protagonista/>> Acesso em 4 mai. 2019
- KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Revista Psicol. online**, v. 25, p. 263-280, 2013.
- LINDGREN, A. **Pippi Meialonga**, São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012

MCDONALD, M. *Judy Moody: Judy de bom humor, Judy de mau humor, sempre Judy Moody*, Salamandra, 2000

**Museu Assis Chateaubriand inaugura biblioteca setorial e homenageia poeta paraibano.** Disponível em: <<http://www.uepb.edu.br/museu-assis-chateaubriand-inaugura-biblioteca-setorial-e-homenageia-poeta-paraibano/>> Acesso em 24 de jun. 2017.

NÓBREGA, G.M. **O Nordeste como inventiva simbólica: ensaios sobre o imaginário cultural e literário.**

NOGUEIRA, A. **Literatura. A safra recente da autoficção no Brasil**, O Povo, 15 abr. 2017. Disponível em <<https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2017/04/literatura-a-safra-recente-da-autoficcao-no-brasil.html>> Acesso em 15 abr. 2019

PATROCÍNIO, R.T. **A autoficção e as fronteiras entre o público e privado**, Z Cultural - revista do programa avançado de cultura contemporânea, 2016

RIO PREFEITURA, **Bibliotecas Populares.** Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/smc/bibliotecas>> Acesso em 23 jun. 2017.

SERAFIM, A.B., **Dia do Livro Infantil: escritor premiado fala sobre literatura no interior de SP**, G1, Jundiaí, 2 abr. 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/04/02/dia-do-livro-infantil-escritor-premiado-fala-sobre-literatura-no-interior-de-sp.ghml>> Acesso em 15 abr. 2019

SILVA, A. D. P. **O ensino de literatura hoje: da crise do conceito à noção de escritas.** Campina Grande: Edupeb, 2016.

SOMBRA, F. **A lenda do violeiro invejoso**, 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015

TRAVANCAS, I.S.; SANTOS, B.S. **A autoficção na literatura brasileira contemporânea: o caso de Divórcio, de Ricardo Lísias**, 2018. Disponível em <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Travancas%20e%20Santos%20-%20p36-51.pdf>> Acesso em 4 mai. 2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB), **Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida.** Disponível em: <<http://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br/>> Acesso em 23 jun. 2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB), **Biblioteca UEPB.** Disponível em: <<http://biblioteca.uepb.edu.br/>> Acesso em 23 jun. 2017.

VOGLER, C. **A Jornada do escritor: estrutura mítica para escritores**, 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2015

WOOD, J. **Como Funciona a Ficção.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

## APÊNDICE: A primeiras ideias por trás do livro

# DORA PÉ-DE-BICHO

THAIS BARBOSA

### >> O que é Dora-pé-de-bicho?

- Narrativas inspiradas nas histórias contadas por minha mãe, a Dora real
- Contraste entre o texto diz e a imagem mostra: imaginação de Dora e realidade alternam
- O primeiro seria Dora-pé-de-bicho contra a mula sem cabeça



DORA PÉ-DE-BICHO

### >> O que é Dora-pé-de-bicho?

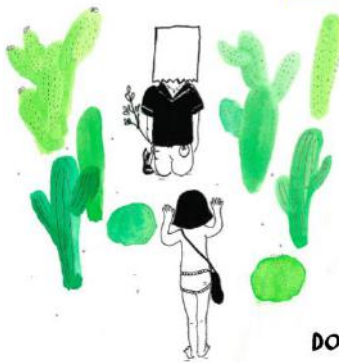
- Coleção de livros centrados nas peripécias de uma personagem, a Dora-pé-de-bicho
- Pensado para o público infantil

personagem feminina,  
com um quê de heroica  
e que representa a  
infância das crianças  
sertanejas



DORA PÉ-DE-BICHO

## Como é Dora-pé-de-bicho? <<

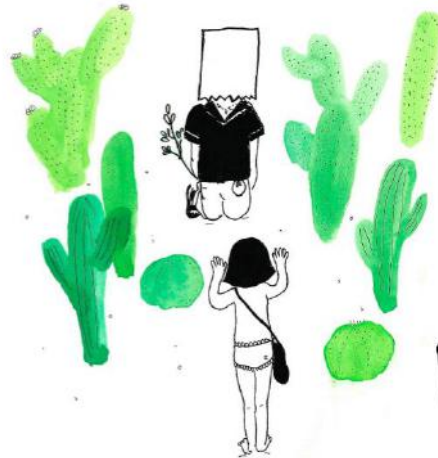


- Mistura do preto e branco com mais alguma cor para compor o cenário
- Elementos que lembram literatura de cordel, sem ser de fato cordel



Isso é *Game of Thrones* em Cordel, é sério

**DORA PÉ-DE-BICHO**



**FIM**

**ANEXO: *Canto lírico de um Sertanejo de Antônio Carlos de Oliveira Barreto***

Sou do seio das catingas  
 Lá das bandas do sertão  
 Carrego na veia a essência  
 Dos acordes do azulão  
 Do aqum preto o sustenido  
 Da cigarra o alarido  
 Da coruja a solidão

Sou o Pajé la da floresta  
 O Xamã buscando a cura  
 De toda ferida aberta  
 Da mais profunda loucura  
 Sonho eterno de menino  
 Eu sou o badalar do sino  
 E o doce da rapadura

Bode deserto no pasto  
 Apartado do rebanho  
 Asa Branca em retirada  
 Cobra que não tem tamanho  
 O tatu-bola escondido  
 Um lobisomem sofrido  
 Assanhaço sem assanho.

Sou caipira itinerante  
 Águas velozes do rio  
 Bem-te-vi anunciando  
 Que andorinha está no cio  
 O verão queimando a mata  
 Um cachorro vira-lata  
 Todas as noites de frio

Galo da crista vermelha  
 No seu despertar da aurora  
 Berro do garrote magro  
 Que o verão então devora  
 Canário longe do ninho  
 Voando sempre sozinho  
 Desde as lonjuras de outrora

Urubu buscando a presa  
 Papagaio falador  
 Gavião beijando as nuvens  
 Inocente beija-flor  
 Sou preguiça descansando  
 Nessa estrada passeando  
 Sem inveja do condor.

Galope incansável sou  
 Do meu cavalo alazão  
 Gozando da liberdade  
 Indiferente à razão  
 Que vai tangendo a boiada

Numa longa caminhada  
Nos capinzais do sertão.

Todo sol de primavera  
Com seus raios de esperança  
Colorindo a nostalgia  
Esturricando a lembrança  
Incendiando o amanhã  
Das aves de ‘arribaça’  
E do meu sonhar-criança.

Eu sou o arrebol primeiro  
Com a corneta da alegria  
Convocando a passarada  
A mais uma sinfonia  
Sou também o entardecer  
Todo o escarlate-morrer  
Vestido de poesia.

Sou o amor dos inocentes  
O vento abrindo janela  
Soprando nos meus ouvidos  
Que vai chegar cinderela  
Promessas de uma princesa  
*La belle de jour* surpresa  
Que ainda espero por ela.

Sou a sanfona do “lua”  
Pondo estrelas a dançar  
Espada de Virgulino  
Querendo sangue inventar  
Conselheiro na ideia  
Coisas do arco da “véia”  
Tentando me alucinar.

Sou a imensidão do açude  
Suas águas cristalinas  
Lágrimas desatinadas  
Escorrendo nas colinas  
Todo frio das invernadas  
A solidão das manadas  
As serpentes assassinas.

Picula, bumba-meu-boi  
Dança de roda ao luar  
Saci Pererê no mato  
Sou vaga-lume a piscar  
Cobra cega vendo tudo  
Sou caipira e não me iludo  
Colorindo meu sonhar.

Sonhar de pombo-correio  
Levando cartas de amor  
Atravessando caatingas  
No seu singelo labor



Fugindo lá das montanhas  
Realizando façanhas  
Com destino a salvador.

Umbuzeiro solitário  
Contando estrelas no céu  
Mandacaru sem espinhos  
A coivara em fogaréu  
Um tição de fogo aceso  
E este mundo todo preso  
Debaixo do meu chapéu

Sou o abôio dos vaqueiros  
Pelos ventos da alegria  
Nessa estrada empoeirada  
Seja noite, ou luz do dia  
Eu sou o berro das manadas  
As estrelas prateadas  
A viola e a cantoria

O cantar de um menestrel  
A flauta de Pan chorando  
A gaita com seu lamento  
A primavera chegando  
O canto do bacurau  
O sítio do pica-pau  
Em meus sonhos habitando

Sou o mistério luminoso  
Do pequeno vaga-lume  
Brincadeira de cometas  
Das rosas todo o perfume  
Sou a solidão das rochas  
O fogo aceso das tochas  
Das noites todo o negrume.

As vestes das nuvens brancas  
Traduzindo calma  
Derretendo-se no solo  
E arejando a escadaria  
Da igreja de Santa Bárbara  
E das ruas de Pasárgada  
Para me dar moradia

Cavaleiro, anjo de luz  
Nesse abrir-fechar porteira  
Explorando meu sertão  
Com bravura e brincadeira  
Mas logo se alguém se atreve  
Lanço fogo, água e neve  
Saco da espada guerreira.

Eu sou menino-ancião  
Porta aberta pro mistério  
Magia de Salomão

Matuto falando sério  
Um compulsivo do estudo  
Querendo saber de tudo  
Mas às vezes sem critério

Rodas do carro-de-boi  
Nas estradas do sem fim  
Com seu gemido sem cura  
Acenando adeus pra mim  
Apagando da memória  
A doce infância de glória  
Desse louco querubim.

Eu sou uma casinha branca  
Cercada pela alegria  
Encoberta de esperança  
Que o futuro já anuncia  
O chegar da primavera  
E também da Nova Era  
Na mais perfeita harmonia.

Sou o breu que banha a noite  
De suspense e de mistério  
Segredos da madrugada  
Silêncio do monastério  
Alarido dos pardais  
A dança dos bambuzais  
No tablado do etéreo

Meu avô tirando leite  
Na vaquinha holandesa  
Canarinho na cancela  
Com seu canto de surpresa  
Minha avó fazendo renda  
Minha mãe com sua prenda  
Colorindo a farta mesa.

Minhas irmãs no varal  
Meus irmãos lá no roçado  
Abraçados à enxada  
E também puxando arado  
Semeando seu sustento  
Desprovidos de lamento  
Tendo a sorte do seu lado.

Do jacarandá eu sou  
Fortaleza e solidão  
Sonho que desaparece  
Na iminência da extinção  
Ante o corte do machado  
E a ganância do mercado  
Dessa industrialização

Eu sou o acre do limão  
Laranja que nunca acaba

O gosto do tamarindo  
O mel da jabuticaba  
O maracujá açu  
E o gostinho da goiaba.

Do jasmim sou todo aroma  
Do canavial o mel  
Da gaiola o passarinho  
O esperar papai Noel  
O pavão e sua beleza  
O verde da natureza  
O maestro e seu pincel

Mas o tempo em disparada  
Não me espera lá na esquina  
Quando do meu sonho acordo  
Minha vida então declina  
E noutra realidade  
Solitário na cidade  
Vou cumprindo minha sina.

O trem que me conduziu  
Diluiu-se na estação  
Não há passagem de volta  
Pra retornar ao sertão.  
Sem asas para voar  
Sem sonhos para sonhar  
Vou seguindo essa missão.

E na selva de cimento  
Já não sou anjo de luz  
Junto aos animais falantes  
Eu vou carregando a cruz  
Sou mais um na multidão  
Perdido na contramão:  
O destino me conduz.

Mas não me entrego porque  
Sertanejo é mais que forte  
É raio rasgando o céu  
Muito mais que o vento norte  
Semente de luz plantada  
Todo desafio da estrada  
de quem nunca teme a morte...